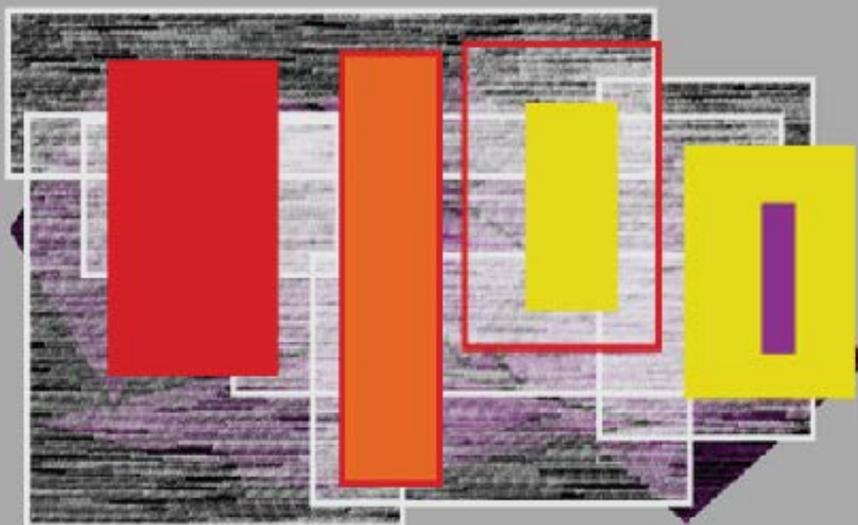


Pedro Du Bois



**IMAGENS ABSTRAÇÕES
DESINTERESSES**

Se as imagens são meras
abstrações no desinteresse de
quem se propõe a poetizar a
vida. Se as abstrações podem ser
contidas em imagens, o
desinteresse é assumida
constância para quem em
proposta poética tenta
reencontrar a vida.

Mas, se a imagem abstraída,
mesmo assim, permanece como
desinteresse, não há como a vida
ser poetizada sem que o autor,
em larga e longa caminhada,
concentre a sua poesia no que
alcança além da imagem em
abstrações que o podem levar ao
desinteresse: estado em que o
seu interesse – efetivamente – se
manifesta liberto no tema e na
condição de seus versos.

IMAGENS ABSTRAÇÕES DESINTERESSES

&

outros poemas

Pedro Du Bois

1ª edição
outubro / 2020



Capa, diagramação, organização e ilustrações: Tânia Du Bois

Arte da capa: Pedro Du Bois / 2018

Ilustrações: **Imagens Abstrações Desinteressadas:** Desenho / Pedro Du Bois / 2017; **Curta Metragem:** Pintura em Muro / Moça na janela / Ariene Portela / participantes: Tatiana Zanatta, Viviane Casteli, Walesca M Santos / 2007/ Passo Fundo. **Sobre as Escolhas:** Quadrinhos / Julia Du Bois / 2017 // Desenho / Pedro Du Bois / 2018 // Foto guarda - chuvas / Tânia Du Bois / 2017

O Equilíbrio errante e a oportunidade: Desenho / Pedro Du Bois / 2018. **Outros Poemas:** Desenho / Pedro Du Bois / 2016. Manual **Impreciso Sobre Não Morar:** Desenho / Pedro Du Bois / 2018

Revisão: Tânia Du Bois

Editor: Ricardo Costa Guiraud

IRMÃO GUIRAUD PRODUÇÕES

GRÁFICA E EDITORA

CNPJ: 76.690.643/0001-76

CONHEÇA NOSSA EDITORA EM: www.edicaoordemanda.com.br



imagens: abstraídos desinteresses

para Tânia

Sumário

IMAGENS ABSTRAÇÕES DESINTERESSES 07

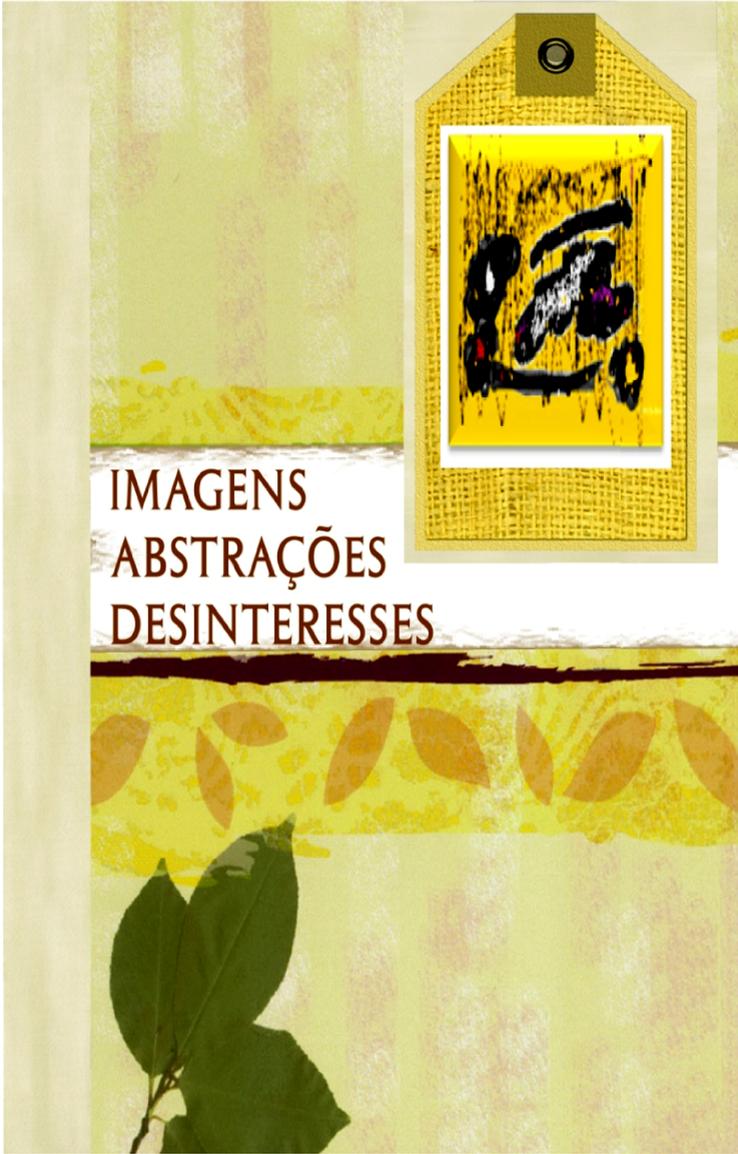
CURTA METRAGEM 65

Sobre Escolhas 93

O equilíbrio Errante e a Oportunidade 131

Outros Poemas 175

Manual Impreciso Sobre Não Morar 193



IMAGENS
ABSTRAÇÕES
DESINTERESSES

I

A imagem transcende os olhos:

inexplicavelmente.

A dificuldade perdura mortes
em envergonhados corpos: justiça
desfeita em velórios e enterros.

Espelhos concedem vidas
em imagens de igualadas
realidades: nada é difícil
em maledicências ditas
nos anoiteceres.

II

Ninguém convive azares
no passar do tempo: asas abstraídas
no cantar das vozes (silêncio).

Outra vez na abstração da força
em se fazer tratamento amargo
de avaros remédios.

III

No interesse demonstrado refluem
canais em impedidos atravessares: o dia
de ontem rescende perfumes abstraídos
dos dizeres em altares desprovidos
de imagens. Em esvaziadas naves
navegam sons de eras anteriores
interessados na sobrevivência.

IV

Se ao encontro surgem obstáculos.
Se obstáculos ressurgem
imagens. Questões
alcançam
serventias nos nomes
aplicados aos objetos.

A coisificação desinteressa o ânimo
conflagrado: guerras
refletem inutilidades.

V

Atrasado em anos de combate
refuga a luta: pensa a hora
dos amores no interesse
sobrepuesto à morte. Tardiamente
isolado em morteiros teima
reencontros na imagem.

Imagina corpos entremeados
em palavras adormecidas na hora
abstraída ao todo.

VI

Separa o irrefletir
da imagem. Opaca
excelência. Confluência
em bifurcados sentimentos:

parte abstraída
à física no concreto
existir em dúvidas.

A abstração da raiva em ira
aprofunda o desinteresse.

VII

Prática de desatinos inclinados
em maldades invade o corpo
na maturidade: cabeça
contra cabeça. No desinteresse
das escolhas restam ardores
em febres de desacato. Amarga
imagem no diluir a utopia
em realidades abstraídas
do enfoque da angulação
dos passos ao chegar
sem ser notado.

VIII

Permanece na significação
do espaço temático.
Horroriza o esvaziar
da tenacidade em resistência.
A abstração traz o desinteresse
ao calar o esforço. Calor.

O colar enfeita a força
brutalizada dos desvios. Imagina
a probabilidade do regresso
na permanente construção
onde guarda o espanto.

IX

Idênticas conformações
entre oráculos e descrentes.

Civismo anteposto
ao gozo da coerência
habita imagens descoradas
na abstração das sombras
em vidros canibalizados.

Outra a impossibilidade
do retrato no reconhecimento.

Não demonstra o avesso em desconstruídas
paredes no arcabouço do desinteresse.

X

Não se faz melhor
ao argumentar falácias
e extrapolar viveres.

Nos extremos confluem
ares de sobrevoados
corpos em desterro.

Faz de conta ser a vida
o exagero da permanência.

XI

Relembra atos de desencorajamento
Repete a verbalização
do pensamento inconstituido
no desprazer do interesse
a revolver imagens.

O que está escondido
atormenta o animal
explorado em circunstâncias.

XII

A vontade esgota permanências.
Transforma a evidência no irreal
do desgaste da pedra repisada.

Realiza a vida na inexistência.

A imagem além da ultrapassagem
de que se alimenta.

XIII

Corpo organizado em elementos
além-periféricos. Desconexo
arrevesado ao interior. Linhas férreas
cultivam trilhos em desalento.

Tempos anteriores embaçam imagens
transcorridas no relento: concreto
dos episódios repassados.

O desinteresse abstrai na paisagem
a permanência do afeto: inimaginável.

XIV

Conduzidos em hinos
 apátridas
 de jugo servil
 na conjugação desinteressada
 dos amores abstratos.

Fronteiriços afetos turvam imagens
desacompanhadas. Acompanha
a leitura épica no respirar feitos
improváveis. O povo reage ao heroísmo
com fogos artificializados.

XV

Alguns não opõem aplausos
ao espetáculo quando o discurso
se faz aziago.

Às vezes visitas
desagregam teatros: citam personagens
inalcançáveis em cenas resgatadas
em definitivo. Desinteressados enterram
opostos caracteres sem transmitirem
sobre a igualdade.

XVI

Intervalos inutilizam
o espetáculo. Diversão
suspensa em conversas
miúdas. Mudanças palavras
desinteressam imagens
abstraídas no retorno.

Pano suspenso
sobre a obviedade.

XVII

Aos menores filhos
não é concedida
a isenção na morte
desinteressada.

A pobreza destrói vidas
ao relento. Consome a ideia
do atraso na reestrela.

Nem o voo do helicóptero
é capaz de redundar finais
na abstração. A estratégia
piora a vida em imagens.

XVIII

Pais adotam
crianças deixadas
ao deus dará.

Desinformados sabem
da guarda contraditada.

Casais exasperam
comunidades em busca
de crimes. A imagem
não interessa pais
supostos em abandono.

XIX

O afeto objeta a vergonha
no sentimento: luzes
projetam escuras formas
no despropósito das imagens.

Pluralizam a sensação da obrigatoriedade.

No expandir a cena em detalhes cabe
ao interlocutor abstrair o interesse
na falta de vontade.

XX

Inquilinos trazem pertences
e afeitam paredes.

Dispersam voos. Da distância dizem
absurdas longitudes.

Desinteressados em propriedades
sufocam posses. Empoçam.

2^a. Parte



XXI

(Aquele homem) conta sobre a partida:

ida infinda
de interesses
no desperdício

da passagem ante janelas encortinadas.

(Repete) agruras

dores
doenças
amores condensados em ódios
futuros:

abstrair (pensa) é o término
não imaginado.

XXII

O circo ilimitado dos exercícios
de animais aproximados em domesticações:

aonde o trapézio
ressoa o choro do intérprete:

palhaçadas antepostas
ao medo da bailarina.

O circo abstraído no pensamento
de que a palavra entre arames
agrada imagens difusas no erro
não permitido ao desgosto do palhaço.

XXIII

Oposto ao caminho intransitável.
Verbo feito inerte movimento. Ato
desprovido de interesse. Frio congelado
em expectativas. Imagem traduzida
em mensagens intercaladas
no oportuno gesto de chegada.

O inseto esvoaça a permanência
e luzes apagadas guardam
abstrações: imagina ofertas.

XXIV

A participação exige contraprestação: crianças ensaiam passos futuros: correr em aumentado estado de carência.

No desinteresse o morto esquece o corpo em dimensões afora. Abstrações desinteressam imagens. A sombra do dia anterior na vontade da lembrança.

XXV

- O ladrão acende a luz e deposita suas letras no papel enquanto o branco estabelece a imagem. Não antes.

Nomes concedidos em esboço restam oportunas espécies. A luminosidade desperta a imagem em agitações.

O som indica a continuidade do acordado: desinteresses enquanto debruçado sobre a amurada.

Corpos sentem o deslocar da imagem.

XXVI

Hoje amanhece pela hora aprazada.
Na dúvida resta o consolo da jornada.

Ao anoitecer percebe na estrela
a frieza inconsútil da amada.

Amores cessam quedas de utensílios
em utilizados escopos. O túnel escavado
em terras impróprias aos desejos.

XXVII

Reaprender elementos insones
faz do cantar
a necessidade de o olhar
possibilitar o reencontro.

Avivar chamas extintas
ao imaginar a compreensão
na devolução da fé.

Orgulho no destroçar a imagem.
Emoção no tanto ofertado.

XXVIII

Não ser o melhor aportado
na consequência do entorno.

A palavra na incerteza
da durabilidade
significante. Ser mediano
na finalidade da refrega.

Corpo solidificado em placas
quebráveis nos acontecimentos.

Excelência no discorrer verbos.
Ter por norma o desinteresse
no término do que não começa.

XXIX

(Nunca ser a terceira impessoalidade).

Negativa na mudez da imagem.
Quantia de dinheiro e troco.
Quinta essência na temporalidade.

(Não estar adiante da consequência).

Imagem abstraída à sombra.

XXX

O decoro opõe contradições: compõe
láureas na imposição
do desinteresse possível
no regresso.

- Não conforta.

Descobre a conta apropriada em números
sequenciados dos castigos decompostos
no desinteresse da sobrevivência.

- O confronto opõe igualdades.

Conforme a sombra segue o objeto
deduz da inexistência o contrário.

XXXI

Na impossibilidade

prevê incertezas: assim
os fatos adquirem constância
de verdade. Verdes anos desmentem
ócios e ódios. Ama a possibilidade
de permanecer abstraído aos problemas
desabilitados em olhos: vende
imagens do que pode
ser a vicissitude. O negócio
ecoa amanheceres
desinteressados.

XXXII

Convidado ao desengano se faz
aparente peça da engrenagem: azuis
multifacetados na ignorância das cores
comprometidas em íris desacostumadas
ao imprevisto. Intervenções ampliam
a paisagem em movimentos.

Pedra descoberta em ameaças
na aproximação da contrafação.
Na obediência residem abstrações
dirigidas à vontade desnecessárias.
Regras recompostas no medo
da estiagem.

XXXIII

Única mão: a obrigação
gerencia o insensível na imagem
(clara e escura)
do objeto: o contrário
em relance desencoraja
a boa vontade.
Lutas: corpos estendidos em particularidade.
A solidão descombina namoros em aparentes
desaparecimentos. O abstraído norteia invenções
explosivas de antepassos e recessos.

XXXIV

- Chove ante a possibilidade
do choro instalado em brigas.

Mães desaconselham filhos
a imaginarem tempos transpostos.

Pigarro e tosse.

Torcem regressos no extremo
da prodigalidade do progresso.

Contraproposta na hora da objetividade:
a chuva reinva o terreno
recoberto em orações dispostas
ao mau tempo.

XXXV

Pergunta da finalidade na resposta.

Não respondem.

O revisto tratado
no arcabouço desfaz a gênese.

Habitual desconforto do corpo ante a porta
estraçalhada em abrires: mãos seguram
a penitência em abas e olhos aprofundam
o desinteresse: cegam finais em costumes.

XXXVI

Luz distribuída em olhares de arredores.
Permite o contato da vontade e o objeto.
Abrevia trajetos imaginários: o saber
se coaduna em conhecimentos.

O amor abandona a circunstância
e o medo declara o sobressalto
ao recolher o motivo. A luz confunde
sombras em olhos desacostumados.

Em algum recanto repousa a melancolia
e a culpa no dolo presumido.

XXXVII

Menos habita a inconsistência das promessas.
Habitado ao descaso da natureza
furiosa em adjetivos. Hábil no desdouro
controla o raio
em que se parte. O trovão
na trova. A prova responde
desinteresses.

Ao menos pode acertar
a mosca no prato
inservível.

XXXVIII

A fêmea consome o espaço (permissão definida na oportunidade) onde gera a continuação do nome (corpo multiplicado em polens). A poesia abstrai no tempo a fatuidade. Revela desinteresses em abafadas histórias. O macho arca consequências. Oferece a hospedagem (íntimo prazer da imagem).

XXXIX

A casa acaricia histórias nas paredes erguidas em proteção.

Personagens anteriores ao sono: o despertar da família acrescenta desinteresses. Nem mesmo a casa recheada com café e leite reparte o pão acondicionado em mãos.

A proteção abstraída ao sono perdura noites adormecidas.

3ª. Parte



XL

A voz sustenta o tom adiante
da promessa: a ponte transposta
em arcos diferencia lados. Côncavo
olhar destrava o horror presente
em insignificâncias. Anota a hora
da partida na porta trancada
com rasgos de conversas.

(Não alimenta interesse
pelo fogo apagado: sopra
as cinzas).

XLI

Recompensa paga ao benfeitor:
que mata os insetos.

Quem depois da hora se aventura
ao desperdício sabe da dor provida
na incosequência. Não há benfeitor arrependido
pelo auxílio necessitado.

Quando do início se desinteressa
em silêncios convém abstrair
na imagem o horizonte:
que retém os insetos.

XLII

Desocupar a imagem antes da chuva
evita reflexos comprometedores
na abstração. A necessidade
é desconhecimento avançado
ao saber. Conviver na estiagem.

O paradoxo oferece incertezas
em dúvidas (recorrentes).

XLIII

Um dia a derrota se apresenta
em resultados: negativa a verdade
reconhecida e afugenta as crianças.
Governantes abstraem na imagem
a semelhança e se fazem lado
na tormenta. Adultos creditam
o desinteresse à faculdade da escolha.

Um dia o resultado se faz
avesso em distâncias.

XLIV

A felicidade nas mãos da criança presa
em agarramentos de suspensa liberdade.

A liberalidade extingue a posse
em apropriado espaço desfeito
na paisagem. Ao anoitecer
o sono perpassa a dúvida
de estar em crescimento. Liberta
medos acumulados e na distância
dos sonhos conserva o inconsciente
no fazer ingente esforço
pelo reconhecimento.

XLV

A peça acolhe corpos dispensados
das imagens repassadas
em sombras. A insistência do esboço
se faz traço na definição do escopo.

Palavras desdizem
homenagens em silêncio.

Não há como fazer do futuro
modelo: ir ao infinito
e regressar em ideias. A peça
recolhe o restante dos corpos
disponibilizados em desinteresse.

XLVI

Palavras conduzem abstrações
na ideia dos nomes: a travessia
diferencia opostos sentidos. Consentem
alterações ao futuro: permanecem.

Palavras se desinteressam da alquimia
e sobrevivem diariamente: por vezes
alguma regressa em sotaque.

Palavras suprem imagens
nas sombras elementares da permanência.

XLVII

Cercado em fronteiras
são desinteressados autores
da imponência. O emblema
sobreposto na racionalidade
da necessidade. Defendem
o território fisicamente instável
na preenchida casa avizinhada.

Vozes se perdem em eletrificadas
cercas. Corpos presos em etéreos
territórios na abstração decorrente
da exasperação do medo: sobressaltos.

XLVIII

A preferência inusitada no grito
em despreparo. Cena
presente no esforço despendido
em desgosto nas imagens distorcidas
de algo não acontecido. Resiste
à possibilidade do erro no grito
atravessado ao espaço: em mortes
reforçadas nada obtêm do desinteresse.

XLIX

A imagem ocupa as tratativas.
Vende sombras com perfis de luzes
intermediárias: o corpo inimaginável
ressoa palavras de concordância.

Abstrato retraído
na inconsistência: estrelas
em noites mal dormidas.

A madrugada prodigaliza desesperanças
em canções abafadas ao medo no inteiro
teor do que não se faz interessante.

L

Ao completar a idade sabe do trajeto interrompido
no início: a sociedade recompõe o sacrifício:

azul incorporado espaço
em oxigenadas trajetórias.

Ama sua imagem no igualar cores em espectros diurnos.
Antes sua pouca idade desdizia o interesse nos olhos afixados
em cartazes de impropriedades.

O vermelho decompõe o corpo
em póstuma imprevidência.

LI

Não iluminado. Fosco transeunte
decidido no anonimato. A voz
transcende o permitido. Minimiza
o discurso em gestos de abandono.

Oposto determinado finge
concordâncias. Foge indistinto.

A sobrevivência na recuperação
do estado aproximado do adulto
que devia ser: junta verbos
em ações adjetivadas.

Abstraído em nada consta
exala suores permanentes.

LII

Matérias obrigatórias: carrega
o diploma: fardo jogado aos ombros.

Destituído de veleidades
inavegáveis conhece no limite
a restrição obrigatória.

Sonha respostas condizentes: não o resguardo
e a façanha: a nota ao pé da página do jornal
localizado no desinteresse da distância
entre o sonho e a irrealidade.

LIII

Faço do ofício

versos: na palavra

escrevo o que abstraio.

Não refuto ser indesejado

alojado entre o vento e o sentir

na obra declinada. Borges teria outro

nome. Borges foi amigo deixado em vida

como desperdício. Verso sobre o sentimento

entre obrigações diárias de solicitude.

Borges recusou a luz no tempo

perseguido. Outro Borges ecoa ideias

sobre a existência.

4^a. Parte



LIV

Como esquecer o possível repetido:

a chuva leva a intensidade
ressecada em leituras. Guarda
o interesse com carinho. Amores
despregam espaços dimensionados
em encontros. Disso sobrevive a leitura:

palavra abstraída ao texto
em repetições orais: expressamente.

LV

Quando amanhece reconhece o sonho
despertado

no momento único
da alteração da vida.

A noite escurecida permite a virtude
em medo. A luz desinteressante
na imagem percebida
no acontecimento. Acorda ciente
da impossível viagem de retorno.

O que força a compreensão
do fato entrevisto na dor
trespassada lâmina irremediável.

LVI

Tarde para desculpas e reinícios.
O ócio estabelece sua parte em reinícios.
Transborda aflições em reflexos:

seu é o espelho
sua a imagem
multifacetada revista
no externo gosto. Assim
forjado em futuros que a dor
se afasta em conjecturas e retorna
ao sentir o interesse pelas evidências.

LVII

Dias de obras. Trabalho agendado.
Dor de cabeça. Corpo em desespero.
O copo levado à boca. Fome satisfeita.

Atividades. Inatividade.
Lembrança: o desinteresse absolve
a mente em cansaços. Horas faltam
respostas em sacrifício. A imagem
abstrai o gesto. Imobilidade.

LVIII

Tanto por fazer
e você vendo a rua
movimentar carros e ônibus.
Passeiam pessoas e cães.

Solitário gato.
Solitário gesto.

Tanto a ser feito: hoje
amanhã e depois.

LIX

Memória: possibilidade de avaliar o erro
e perdurar passados. Impossibilidade
do esquecimento na evidência
da permanência.

Dias presentes acostumam o desgosto
em frias águas (paradas no tempo)

espreita a imagem em espelhos
convergentes no instante do ato.

LX

O primeiro intento perdura alegorias.
Acompanha a mente no declínio possível.
Retira do esforço o cansaço vinculado
no ato impraticável da prova na abstração
da voz pelo gesto sinalizado no som.

Indeterminado tema
na consistência empedrada
do abismo onde surge
no nascer dos dias. Desacredita
o desinteresse em negações
possíveis nas refregas.

LXI

Olhos perfidamente observam
o cantar dos pássaros. Ouvidos
conservam a paisagem. Farfalham folhas
ressecadas. Animais silvestres
rompem esquinas. O destino
ideologiza a mesmice no permitir
ao menino a impossibilidade da permanência.

A mulher oferece decadências
e outros se igualam no interesse
pela imparcialidade na mentira.

LXII

Almofadado espaço
na continuidade
do grito: aplausos.

Contra a indecisão chamas
esfriam alongados túneis
destemperados. Elogios.

A sutileza recobre o esboço rabiscado
na eternidade. Assim e assado
dizem as crianças.

LXIII

Maldade decorrente do medo
errático na ignorância. Sitiado
o desejo alveja roupas dependuradas
em cordões. Prende palavras de encorajamento:

reage ao acaso da sentença
com indiferença: prisões
arbitram portas entreabertas.

LXIV

Não estabelece juízo. O valor
intrínseco revela persistência
na chuva contra a vidraça:
engrandece circunstâncias ofertadas.

Fala mal da inexistência
deformada no desinteresse.

Afrouxa amarras na ligação
entre imagem e objeto.

LXV

Mesa disposta: toalha
guardanapos
o lugar na importância
abstraída aos convivas
pratos
talheres
atravessam mãos ao encontro
da comida. Partem o pão. Nada
é repartido entre comensais.

Palitos.

LXVI

Quebra o grafite: traça
palavras inundando folhas
abraçadas em espaços: traços.

A insensibilidade dos códigos
rearrumados em milênios: som
e sentido. O consentimento traça
oportunidades.

A correção do exercício
na condição da ideia: traços.

LXIX

Desinteressado da lembrança
oferece subsequente
irracionalidade: teoriza
aspirações eletrônicas. Concede
a obviedade da imagem
na passagem do corpo. A viagem
abstrai passos dentro de casa.

LXX

O menino aguarda águas
revoltas: transforma a vontade
em concretizada forma
de sobrevivência: deserta

clamado aos deuses na fertilidade
multiplicada pela paisagem imagens
distorcem distâncias: nada.

LXXI

O silêncio enquanto prova
contraria o senso: comuns
horas decorridas
na solidão do quarto. Espaço
abstraído contato
resta impuro.

LXXII

Lago depositado em seres: no calar
da hora o desengano transforma
imagens na insuficiência
comprovada: lúcido.

O interesse mingua em preces
faz do desencontro símbolo da espera.

Abstrato: ao lançar a pedra
sobre a cabeça informa
ao inimigo a permanência.

5^a. Parte



LXXIII

Chove desinteressadas flores. Desenterrar
permite ao corpo
 a exposição
 decomposta. Sóis reabrem
questões antevistas: imagens
reconquistadas
em prêmios. Passado
 em repassagem. O peso
 contempla escalas arruinadas
 na incerteza.

LXXIV

Instinto a florado
no gozo da permanência

prisões encartam informações
desprovidas de destaques: o pensamento
necessita de contexto: a imagem fragmenta
a realidade no olhar revisto: revisitado.

LXXV

- O indivíduo demanda espaços
oferecido aos deuses: nem milímetro
separa o tosco desempenho humano
da solícita presença da divindade -

nos espaços residem imagens:
espelhos cristalizados
em concretude.

Na abstração encontra o interesse
desfeito na ideia original do medo.

LXXVI

Transita salas desprovidas.

Carrega o peso: ensombrece a imagem.

Circunstâncias causam
pesos mortos: alguém carrega
a mortalha. Ninguém
entende a abstração: o desinteresse
explica essências e aromas.

LXXVII

Absoluto zero

transforma nada
em evidência: delimita o espaço
destituído. A consciência do dia
conjugado no extremo ofício
de aparentar esboços.

Imagem construída em rivalidades.

Espaço esvaziado da solicitude.

Concerne desinteresse no pássaro

inexistente em presenças.

LXXVIII

Ultima o embate na retirada
pressuposta em ares abstraídos
à imagem. Amanhã refluirá
contextos. Lembra a luta de perdido
senso: consenso. A repetição das palavras
forma desinteressadas frases: conduz
o amor no exemplo da paixão
apagada: revisa.

LXXIX

Triste. Ar senhoril. A profundez
conduz significados. Opaca forma.

Não tem medo. Reside
incertezas: borboletas
multicolorizam espécies.

A mão carrega a arma: entristece
a imagem. A senhora observa
em esgares sorridentes
de permanência.

LXXX

Espaço: indecisa ocupação. Medo.
Receio do reencontro com antigas musas.

Voz e melodia.

Não vale se fazer imenso
universo. Nem cedo regresso.

O desespero impede caminhares
de mães despreparadas: filhos
se desinteressam em imagens.

LXXXI

Acrescenta acintes ao procurar
no trabalho retirar embrulhos.

Tardia reconquista
no piscar das luzes.

Feito sombra reflete impossibilidade
do retorno: a luz abstrai horizontes.

Longe refluem ondas: ressacam
ódios no devir
da palavra ensaiada.

LXXXII

(Não se contém ante a mulher: soluça
rendas
prendas
aprendizados: a falsidade oculta
sombras. Diabólico. Supõe indecisões.

Vida em ventos trazidos
longe: desinteressado
ocaso: caos na condição
da porta entreaberta à fuga.

LXXXIII

A mãe exige diferenças entre o homem
- agora -
e o menino.
Sombra impertinente.

Reclama da imagem
em repousado vidro: espelha.

Na reprovação do corpo
mente a intenção da proteção:
eterniza a disputa.

LXXXIV

Resolve a causa: retira
o pecado
da eventualidade
do encontro: revive imagens no abstrato
labor do aquecimento.

O desinteresse
apaga as luzes
e permanece no acordar
o corpo aparente.

LXXXV

Amanhece na expectativa repetida
de alimentar o corpo em desavenças.
Troca pés pelas mãos. Deslinda
a oportunidade. Revolta
impertinências. Acontecido
fardo: animal domesticado no apreender
terras percorridas. Amanhece na fuga
imprecisa do desgosto. Aqui
reside a impossibilidade: flor
desprovida da imagem cotidiana.

LXXXVI

Na distância inexata captada em luzes
a estrada decompõe abstrata frequência

pulsa o necessário
na manutenção: antes
tardia a recompensa.

Circulada em planetas
descobertos: traduzida
impossibilidade de regressos
e reencontros: pulsa na necessidade.

6^a. Parte



LXXXVII

O nascimento determina a trajetória
antes aconteça a vontade: adestramento.

Movimentos desordenam
mentes insuficientes na realidade
concretizada
diariamente.

LXXXVIII

No palácio habita o homem
selvagem em poderes: inexato
personagem aborrecido em imagens.

Da janela avista o tanto
pertencente: a família honra
compromissos. No entardecer
a lenda consoma desinteresses.
A noite empedra sonhos.

O palácio inexistente em coragem
e permanência na abstração
das histórias recontadas.

LXXXIX

A mulher chamada donzela
reflete paradoxos: inalcançáveis
tarefas domesticadas em espaços.

Fogo e palha. Aroma e assepsia.
Música em palavras dúbias.

A comida queima utensílios
no olhar em perdido horizontes
no abstrato retrato do retorno.

XC

Quem rouba o animal solto na pradaria
ou o nome recebido no nascimento?

Quem retorna bilhetes
sem comentário: Em algum lago
aprofundado repousam ninfas
no aleatório das imagens.

O animal recuperado em matas.
Descobertas trilhas descansam
sua presença na indiferença.

Amanhã alguém roubará insetos
ante apagadas luzes em imagens.

XCI

O perigo cerca o indivíduo: centenas
de vezes. Vozes avisam da enxurrada.
O quarto fechado em recados detém
o corpo: imagem abstraída em desejo.
A incerteza percorre distância: entre
o ser e a sombra ressurgem discursos.
A difusão da palavra ensinada
ensaiada
repetida em crianças: centenas
de vezes o perigo se acerca indivíduo.

XCII

Sujeito: objeto disposto sob o solo
reconhece a imperiosidade
na desordem. Assim se alimentam
cartomantes: no desespero cretam
arestas. Dificultam a compreensão
do desinteresse passado.

A água gaseificada
recobra o tempo na perenidade
aposta. Ao disposto no acordo
rompido em lágrimas resta
horas acordadas.

XCIII

Na permanência instruída
pelo pranto do esteta o acabado perdura
erros tantos: escurece visões
na obra inacabada.

Rangem preces atomizadas.
Reagem cascos. Ressoam passos.
Não se faz ausente: cristaliza a impertinência
em anotações. O desacordo encobre
a imagem diante do abstrato.

XCIV

A marca da mulher em sobreposto leito
concede ao intervalo a temporalidade
em provas derivadas: deleite.

Nenhuma marca produz o embuste
da imagem sobrecarregada
em sombras: detesta a imprudência
dos olhos direcionados. Estica
o elástico ao mínimo desnecessário.

Avante diz a voz comandando
o espírito. No avatar sucessivo
resta o desinteresse: cedo
para novas opiniões.

XCV

Diz sobre o nada: o novo se oferece
ao acaso: diz o não e o sim em sucessivos
sorrisos na estação direcionada.

O esforço contraditório abstraído no abraço
recebido no regresso: parte o novo e a novidade
reparte sonhos: a abstração distrai
a realidade em imagens de barcos destravados
em águas imortais: a partida ostenta a marca.

XCVI

Eternidade: mente a perpetuidade
do discurso na lembrança ofendida
em imagens descontinuadas
pudesse ser o sempre.

Línguas estrangeiras: algaravias
impossibilitadas de entendimentos.

(o colega aprende letras
e desaprende números: erra contas
desconta em outros o aprendido:
discursa).

A concussão no desinteresse gera
indubitáveis descaminhos no que abstrai
enquanto menino. Tristeza.

XCVII

Abuso ensimesmado no absurdo despertar
do animal abstraído em corpo: desforço
em se animar. Insistir em temas
concorrentes. Coerência.

Meninos apoiam pipas em espaços
destituídos de eletricidade: sem força
aparente a sustentação permite
o deslocamento da poeira aos olhos.

Remedia: olhos cravejados em suspense
e objetivo na temeridade de novo amor.

XCVIII

Nunca: a nulidade absolve a contradição
entre paradoxos e dilemas. Alvoreceres
dispensam luzes. Anoitecem descontentes.

Nunca: imagens decompostas em fragmentos
do ser entrevisto: corações desapaixonados
disputam áreas em dores e desaparecimentos.
A imagem inconclusiva do som dispersa
notas em espaços esvaziados de abstrações.
O todo reconstruído no desinteresse.
Não obstante o serviço feito na oportunidade.

XCIX

Traduz o sossego: morto no conluio desprezado
ao corpo. Mantém a chama. Contém o charme.
Desperta a obviedade das respostas.

Magro ofício refeito
no apropriado senso incomum.

Leva a ingerência em múltiplos contatos
e se despreza em tímpanos perfurados:
não escuta o despreparo da besta.

Conduz o sentimento em paredes
entrecruzadas pertencentes ao acaso.

C

Gasta o passado em lembranças: sente
saudade da bondade. Esquece a fatuidade
na mal recondicionada imagem. Alguém
revolve o lixo: lúdico espacejar de palavras
abstratas no lógico despertar da imagem.

Ao dia transcorrido em normalidade
acrescenta a impossibilidade: reside
salas desprovidas. Espera a revolta
desconhecida enquanto tese: abriga

na imagem a tradução do texto
pré-concebido no conceito
desinteressado de águas passadas.

CI

Receia na imagem entrevista
a possibilidade
das estrelas removidas
do extremo galáctico: terra
abstraída na possibilidade
do regresso. Não se interessa
pela dor. Amor desabitado.

A suposição do avanço
no fato não acontecido.

Como: entrelinhas e suspensas
ordens. Entreatos e suspensos
efeitos. Entre significados
divinizados no passar do tempo:
o espaço entre o interesse
e a totalidade do ser imerso
em soluções menores.

CURTA METRAGEM



SAUDADE

No recurso lágrimas brotam
olhos inertes. Piscadela.

Enfatiza a naturalidade
na saudade arremedada.

Trabalha cenas ultrapassadas
no descrédito do desespero.
Morte e doença. Indiferença.

Não persiste. Volta o rosto
na incoerência dos olhos.

MENTIRAS

A mentira atua desembaraços.
Persuade o acobertamento.
Mentaliza ângulos
na aversão
ao fato.

Não difere tom sobre som
existente no pecado.

CELULOIDE

Eclipse entrevisto na visão borrada
contra o rosto. O restante astro
contraria a magnitude.

Queima o celuloide.
O instante ultrapassa
a contemporaneidade e o reverso.

O brilho ensolarado
reflete matizes lá estivesse
o passar do tempo.

RETORNO

Plano sobre o individuo situado
entre armas no retorno apregoado
em conversas de despedida.
Ir embora sem consentir.

Retorna estrangeiro imerso
em longas jornadas. Conta
do mistério o insolúvel.

Mais nada.

OBVIEDADE

Estrangeiro em si
desconhece-se.

Ri do espanto. Espanta.
Dilacera palavras em desconhecimento.
Afronta a tentação da igualdade
no reconhecer em altas
horas o amanhecer.

Cumprimenta desavenças
na língua expatriada em fronteiras.

CANSAÇO

A exigência na ilusão do momento.
A ansiedade deslustra estrofes recontadas.

Cifrões. O dinheiro no dissabor
do vento encana corredores.

A passagem da hora
para se manter acordado.

ÁGUA CORRENTE

O jorro dirigido ao rosto
 esbarra
 nas mãos
 em concha: águas
por ralos espaços. O olho
em visões
do corpo ofertado
em toalhas.

Acompanha a gota na alongada
queda em despropositado piso
alisado em paradas
e armadilhas: águas correntes
distribuem possibilidades.

NECESSÁRIO

Leva ao mundo o desinteresse
em que é forjado: farsa
alimentada em sombras.

Adianta o passo ao esconderijo
no tormento repetido de palavras
ordenadas em sequência. Hoje
é o dia anoitecido no amanhã
da necessária sobrevida.

GRITO

A imponderabilidade do grito
resume esgares. A mulher
revê sonhadas verdades.

O homem recusa a mão
em solidariedade e ajuda.

Escuro sentido apropriado
pela ingenuidade. Gesta a impropriedade
dos dias.

AMESTRADO

O mestre se revela esbulho:
retira do aluno a previdência
na devolução avulsa.

Incutido na veracidade
das instruções
compõe a insensibilidade
amestrada. Instruídos
ítens improcedentes
destinam cada passo
na vigência vencida
em datas.

AVANÇO

Está na casa alugada
com prestações vencidas
dos amores transformados
em congeladas imagens.

Filhos exigem modernidades
atendidas em silêncio.

A bebida queima a interinidade
em que se esconde. Acuado
no centro do desconhecido
avança inconseqüências.

ENCANTO

Gosta do encantamento das contas
em papéis desvalorizados.

Acrescenta a sua serventia
no descarte do futuro.

A imagem guarnece o arcabouço
da inexistência do certo
e o duvidoso encanta.

(Como) serpente enlouquecida
ante a proximidade.

ENCONTRO

O excêntrico se desfaz
no necessário.

Depõe armas em fomes
e no beber o trivial. Deixa
de lado a satisfação.

Encontra o comum
no modo de se dizer
simpático e tosco
personagem.

SEXO

Na hora inicial do combate corpos
se encarceram em ataque: contato.

Movimentos agilizam
estertores em bocas entreabertas.

A expressão concretiza
ilusões. Esgarça.

A tentativa e o erro
no oferecimento.

OUVIR

É pecado dar ouvido
aos moucos
aos loucos
aos sacripantas. Na ideia desenfreada
em composições de olvido o silêncio
urde a compreensão da demora.

Vê a banalização no sonho repartido
em quadras de curto alcance.

RETORNO

Conta números indivisíveis e os diz primos.
Indefesos em milhões de fatalidades
os faz primos. Irmanados em resultados
também os chama ímpares. Retornos
são deformados argumentos
aprimorados no desafio
de se fazer íntegro
na imparcialidade
do que resta.

OCEANO

Registra a imponência das águas.
A impotência afoga amares.

O oceano traduz marés
de desenganos no estar
sobre a terra e refluir.

Mesmo assim
tem na inconstância
a sobrevida da memória.

CASA

Faz da casa moradia
no dia apresentado
na desconsideração
envolvente do sufrágio.

Ex-votos condensam milagres
desacontecidos no dia
refeito em horas tardias.

FAMÍLIA

Reconsidera votos de fidelidade.
Na insurgência o olho engorda a janela.
Pipoca. Conhece detalhes em aproveitar
poucas oportunidades. Refulge.
A família recebe a ausência.
Percebe sua inexistência.
A inconstância perdura ruas.
Reafirma dizeres: por toda
a vida e até que a morte
os separe muita água
dispensará a ponte
em represamento
e estio. Confirma ditames
no alvoroço da discussão.
Dissolve em antiácido a permanência.

LUTA

Punhos cerrados contra o corpo
adversário: ricto.

Rosto desfigurado em suor e cansaço.

Dançam pés sobre o tablado
considerado no perigo
reverso. O punho engatilha soltas
figuras. Inverte o ângulo e ressoam
gritos. O árbitro indica o necessário contato.

DESPREZO

O olhar despreza. Não avista a terra
comprometida na desavença. Avencas
lançam imperfeitos aromas. Avançam
sobre a terra teluricamente abrasada.

Ideias ultrapassam
a luz atenuada do avanço.

O anjo (feito gente) desprende amarrotadas
casas no espaço da vontade.

Permanece obsequioso no silêncio.
O homem é você ao comandar
a réplica em desprezo.

DESERTO

Receia a observação de olhos em riste.
O risco traz a areia ao ponto. Nada consta
contra a figura desertificada em palavras
escritas no desdizer o mito. Sua negativa
é utilizada arma. O dedo risca o limite
de onde se observa deserto.

REDENCÃO

A obviedade do assentimento desdobra
ideais telúricos na necessidade do perdão.

A perda anuncia a completeza
do ato na prática judiciosa
dos adjetivos. Desvenda a terra
enegrecida em camadas.

Redime a contrariedade
na impermanência. Deixa
a memória fluir descasos.

HORA

Antes: preparado em homenagens
dispensa contrariedades.

A hora diversifica a epopeia
nos fatos registrados em boletins.

Previsão: oposto ao permanente
conhece a continuidade.

A hora exercita esquecimentos.

DEVAGAR

Na lentidão residem
condensadas ofertas. Devagar
o andarilho se sujeita ao acostamento.

Sem banho e cama. Sem rumo e norte.

O trajeto entre esconderijos
e inverdades. Conta ao transeunte
a necessidade de ir embora. Sempre.

DIVAGAÇÃO

Corpo sentado. Banco isolado.
Praça em luzes amanhecidas.

Pássaros. Águas escorrem bebedouros.

A moça ultrapassa o diâmetro permitido.

O corpo estático conduz
pensamentos ao passado
indistinto na divagação
liberada pela irrealidade.

OBJETIVO

O alfarrábio distende gerações
de nomes impronunciáveis. Objetiva
resgatar futuros reencontros.

ecoam novidades
regradas
em palavras: futuros
intercalados
em sinônimos.

O objetivo administrado em parcelas
economizadas aos dias. Curto espaço
decorrido em metros ensaiados.

INDICATIVO

Tarde aprendo sobre indicações
afirmações
e subjuntivos: verbos
conjugam necessidades distribuídas
em modos necessários ao reconhecer
o tempo disponibilizado em relevo.

Indico a ternura recoberta em camadas
indiferentes: risco no calendário
meu onomástico. Nas bordas
desenho setas indicativas
dos próximos meses.

ÓCIO

A dificuldade me faz estanque
na depreciação que não me representa.

Dispensar a oportunidade.
Esqueço o ócio
na distância entre dias
sucessivos. Sobre a cama
repouso a mente em corpo
estático de afazeres.

O relógio demarca indiferenças.

DEPOIS

Desprazeres rebuscam vozes contrariadas
no amanhecer. Despertam promessas
mal dormidas.
Iluminam defeitos
em sonhos. Interrompem.

Depois o olhar revolta cortinas
descerradas na tarde.

RASTEJAR

As pernas admitem o salto
sobre as pedras. Sobre águas.

O serpentear da víbora
rasteja esperas.

O veneno inocula verdades
no desperdício do vício retomado
na dificuldade.

O solo registra depressões informes
da maldade explorada na umidade.

REPÚBLICA

Sobre direitos hereditários
distanciados em enlaces
resultam escolhas:

recontados votos igualitários
decompõem enérgicas providências.

A vontade sobreposta ao ressentimento
desdobra sociedades inertes: outros
satisfazem movimentos. A sucessão
erra atalhos desproporcionados
ao ato replicado na prática
ausentada da ideia original.

LOUROS

Ao vencedor concediam louros. Arbusto
circunstanciado na imprevidência da vitória.
A repetição da força na condução da agilidade. Altura
superada em saltos deletérios. Discurso cercado em
aplausos. O louro consumido
no temperar da obviedade.

FESTEJO

A fissura
fratura

o verde
na curiosidade
intensa

demole
desconstrói
desmembra

a terra sufocada
em sua natureza. O menino em olhos
futuros lima o verde sobre a pedra.

BAR

Falam de mulheres
crianças
e escolas. Relatam.

Escondem acidentes precursores de gritos
familiares. Nada dizem das horas
precedentes nas escolhas.
Erram predicados.

AVISO

Magia eternizada: avisos iluminam
a impossibilidade do retorno. Outros
ladeiam oportunidades.

A geração do espanto
no reclamado como herança.

Nada digo da imagem captada
na fotografia. Está escrito
que avisos representam
a inoportuna amenidade
antes de o dia se fazer.

AVESSO

Atravesso a segurança linear
do equilíbrio. Sol e água
esquentam o corpo sedento
em banho. O inventado
compromisso destila pedras
de gelo no sentimento
de delírio.

Posso retornar em instantes
e permanecer avesso inconstante.

NOTURNO

O texto relido enfoca a incongruência
de estar vivo. Acomoda o pensamento
em sonhado ponto. Incomoda
a fragilidade feito prova.

Espero observar a noite
em escuras portas. Fecho
na conjugação da carne
o advérbio. Desligo
a oportunidade.

APONTAMENTOS

Não deixo lágrimas
alagarem minha alma. Contente
ao passar as mãos pelo rosto.

Como a luz ofusca
a sombra sei distrair
o corpo no sacrifício.

Em casa construo
a trajetória do trabalho
na condicionante chegada.

SUBTERFÚGIO

Submeto minha submissão ao abismo
retornado na realidade. Deixo a mulher
da minha vida
indócil no recato
de se saber andarilho.

(Observo)

Em lugares impúblicáveis
residem pessoas nominadas
em mistérios.

VERBO

Figuras estáticas. Alguém inicia
a conversa: filhos

tempo

espera. O verbo acentuado
na imobilidade.

VERÃO

Estaciono meu tempo sem serventia.
Ofusco. Esqueço o calor sobreposto
em mantas. Suo. Acorrem pensamentos
provindos de vozes diversificadas
ante a janela. Pintam céus amanhecidos
em descontentamento. Cedro para rir
da própria desgraça. Escuto
apropriadas lamúrias e me digo
enfraquecido. É o calor repetem.
É verão.

GRAVIDADE

A dor predispõe o problema.

Dói.

O corpo rebelado contra a impropriedade.

Grave.

Lamento diante da palavra impronunciada.

Desdigo em gestos a contrariedade.

Dói. Fosse a dor o início do acobertamento.

A gravidade do espírito ao quebrar barreiras.

O espaço esvaziado corpo.

ALÉM

O pressuposto conduz a ambição.

Não saciada induz sentidos

além

do recomposto. Ontem

o gosto acero se desfez em doçura.

Hoje

a continuação da espera

se faz oportuna. Além do apetecido

desgostos se concretizam

e se deixam enlevar

em oceanos lúdicos

de desobrigações.

CIDADES

A cidadela indefesa: ruas irregulares
permitem passagens. A praça desprotege
árvores replantadas na regularidade do espaço.

Cidades desmemoriadas
em antepassados. Heróis
de berços recobertos
pela poeira. Cal e cimento.

A areia recobre a utilidade
em que a cidade sobrevive.

ALMANAQUE

Reúno em filhas a solução
para as falhas no campo
no tempo
no riso. Espanto espíritos
imbuídos de perseguição e destaque.
Rezo onomásticos. Em cada descoberta
recordo o teor do penúltimo almanaque.

SIGNIFICADO

Nenhum olhar desperta significância
na dívida repostada em juramentos. Mulheres
postam vontades em homens despossuídos.

Significo o detalhe do encobrimento
furtado em cenas remanescentes.

COESÃO

Forma utilizada
na fuga: coesos em sinceridade
vão em busca de estradas
levadas ao nada: a espera
desdita em poucas palavras
e o silêncio
acostumado imprevisto
do decoro. Na vez
avizinhada atormenta
a dispensa.

MEDO

Capta a expressão amedrontada
na claridade. Vultos indistintos
carregam informes bagagens.

A impossibilidade
sente aumentar
o medo entrevisto.

Vultos conhecem na terra
o retorno na possibilidade
do entorno.

ALONGAR

Habita desconsolo no término
da jornada. Pensa alongar
o que termina em nova
permanência:

descreve personagens
em cenas não transcorridas
na desconexa paisagem. Inclui
o roteiro em contas a pagar.

SOBRE AS ESCOLHAS



1 Imerso em incertas águas
desprovidas de alimentos:
 salinizados
encontros ressecam esperas: reflete
a iluminação inconsistente da música
traduzida em incertezas. Afogadas
lamúrias despretensiosas no gesto
de gastar antes: ante a natureza
revolvida floresta de ensinamentos
apostos às costas de quem ignora.

2 Reafirmado em adjetivos
deixa o som instalar
antenas: longe
a imaginação perdura
termos. Enquanto e sempre
ou até que esqueça
a lágrima. A solidão
última escolhas
irrealizadas. O fervor
procura a equidistância
com que sentimentos
subestimam lembranças.

3 Dança. Oferece ao corpo
a inexistência concretizada
em gestos. Passeia.
Na observação diluída
em desmerecimentos reencontra
a ternura: aterroriza
a possibilidade do convencimento.

Passa ao largo da embarcação
soçobrada em hipóteses
de elementaridade: criatura
oferecida em buscas descontinuam
a esperança do encontro. Dançam
no oferecimento do corpo à divindade
que se afoga na imprevidência.

4 Marca o distanciar do acordo
esgarçado em palavras pronunciadas
nas descobertas. Lugares revistos
em reentrância: o abuso da luz
sobre sombras repetidas. Deuses
talvez respondam significados
obrigatórios de concretizadas
ares de influência.

Pelo caminho a possibilidade
estabelece dores: desconhece
e oferta resultados. O nome
pronunciado é o refluir
de mares anteriores. A terra
fragmentada natureza
inútil em permanência.

5 Por todo o sempre
pensa
a palavra transformada
em insignificância
e no contexto
o cotejo
- nunca mais –
repete salvaguardas.

Obrigado em pensamentos
oculta inominadas facetas
de falsos objetos acabados
em mãos inábeis.

6 Palco e plateia:
olhos falseiam
estar bem
consigo. Mesmo
estando o objeto
a interpor fronteiras.

Fruta: espetáculo
natural da obviedade
adquire a consistência
da reprodução. Parca
plateia alheada
ao discurso imutável
no refinar da inconsciência.

Mesmo assim desiste
de projetar o sonho
no realismo da contenda.

7 O fruto cristalizado
em cores inversas
da semente originária
 acrescenta
 ao vaso
a inconsistência
do barro trabalhado
em mãos possuídas
na calmaria
pela coisa feita:

 amolda a palavra
 ao texto
 respinga objeções
 e receios de rios
 em desenhadas imagens.

8 O sinônimo simboliza a possibilidade
de o significado reduzir a linguagem
em entendimento.
Acrescenta temores
e faz estrondos
na movimentação da sensível
coerência entre o nada
 visto
 e o acordado
 em ofensas: o inconstituir
na multiplicidade do que não
é difundido por inteiro.

9 Esquecimento obtido
sob promessa: deita
ao passado o remanso
dos arroios na estiagem.

Arruma a possibilidade
dedicada ao passado
e reflui o gosto
no convencimento.

Recai em lágrimas
e obtém da parceria
o incômodo de ser
no sofrimento a angústia
do sono percebidos
em olhos entreabertos.

2ª. Parte



- 10 O animal ressalta
 a virtuosidade
 do olhar
 e do olfato.
 O cheiro caracteriza
 o som. O barulho
 das patas no solo.

A solidão inconsciente
e o reencontro pela presa.

A virtude espalha
a raça em repetições
e o parto
 é parte indelével
 da sobrevivência.

11 Movimento: rasteja presas
e grunhe. O grito desfeita
o espaço. Agarra. Rasga.

Não há verbo a descrever
a ação. Preda.

A pedra imola
a solicitude da besta:

turva a água
na não importância:

a sujeira decomposta
em natureza absorvida
ao restante. A saciedade
recomposta em sons
desprovidos de haveres.

12 Nasce na significância da permanência
e na necessidade de ser alimentado:

tece a teia em velocidade
e altura: atura a impossibilidade do regresso
das mortes aprofundadas em escassos
pensamentos. O momento traz
a certeza da presa. O cansaço
removido em oportunidades.

O espaço demarca
a crença – inexistente –
na eternidade.

13 Identifica a igualdade
em que similitudes
não se comprazem. Igual
em necessidades
tangencia o instante
em que se conforma
na necessidade: despreza
o gesto ofertado
e se recolhe em origens.

Tem a possibilidade
do avanço e o retrocesso
redistribui os fatos
em permanência. Identifica
o propósito e o persegue.

14 A contrariedade desabita
o sorriso e faz da fera
horror no inigualável
sentir: a finalidade
compõe silêncios.

O silvo da serpente
desconcerta o pássaro.
O uivo da fera
desconcentra a besta.
O ronco do porco
concebe ao inseto
a impropriedade.

Esvoaça paredes e se estatela
no retorno da obviedade.

15 Incompleto forasteiro
se deforma ao ambiente:

erra o grito
de raiva
enterrado
na possibilidade
de conter
a vontade.

Receia a fome.

Confirmado em circunstâncias
o animal se aninha
em entranhas: desfaz
a completeza do que desconhece.

16 Foge. Ressurge em hábitos desfocados
ao estranho de quem exige
observância. A linha inexistente
na circunscrição do afeto:

busca a materialidade
do corpo em proximidades:

exala a consequência
em que procria sua permanência.

Foge ao entendimento: domesticado
é inútil peça abrigada
em não descobertas. Desentende-se.

17 O olhar espelha a necessidade
e o medo
no corpo retesado
em ataque
e fuga: prisioneiro atormentado
em prosa: preso em possibilidades
aguça os sentidos.

Aberto destino reconhece
o som da aproximação
no silêncio receado
ao embate.

A passada rápida
sobre o tempo
armado em surpresas.

18 Revê o corpo
em carniças. Rasga
nos dentes a cobiça
da fome descontinuada
ao ato: selvagem
em desconheceres
atrasa os olhos
e atravanca o espaço
em descompasso:

sabe no presente
a lembrança
da primeira etapa
reduzida em ossos
ressecados.

19 A avidez do voo
realça o corpo
no espaço: a luz
solar incide
brilhos: no alcance
da surpresa desfere
à queda a certeza
e penetra em águas:

ressurge com a boca
preenchida em sustento.

Repousa margens
pelo tempo
estipulado. Depois
o corpo empluma
decolagens.

20 Não está em retorno. Avança
migratoriamente sua obrigatoriedade.
Atávico em descondições
obriga-se ao seguimento:
a origem exige o ponto inercial
do desconhecer.

No retorno deposita a vida
em sobrevivência metrificada:
pela posteridade a ordem
inconsentida determina
a confluência para não perceber
a geração conseguinte
na perpetuação da espécie.

21 Domesticado
subsiste: provido
em necessidades
esquece o trabalho
do sustento.

Adormece
na incosequência
do abate
na manutenção
da comida
posta em frente.

Não enfrenta a perda
do que não compreende:

afeiçoa-se.

22 O animal se alimenta do que alcança
em selvageria. A força abrupta resguarda
a carne na espera da densidade do ataque.

O grito denuncia a permanência
e a presa gera
a imanência. A caça
descoberta em etapas: o predador
o carniceiro
o limpa ossos
e o ínfimo
desfazem em pó
a recompensa.

3ª. Parte



23 Permanece o corpo anteposto
no desgosto de estar vivo. Evita
o reflexo: na noite desanima
a rua em sombras.

Ensandecido
regresso entre
pálidas cadeiras
opostas à rua.

A folha preenchida nas certezas
entregues em bilhetes
não renunciados
na probabilidade.

24 Não refaz o texto: deixa em lacunas
a imponderabilidade da escolha.

Refreado em extremas dobraduras
desdiz o verso na extensão do texto
balbuciado em mitos abrigados.

O animal circunscrito
no espírito aprimora o corpo
na garra entreaberta em portas.

O texto realimenta a infelicidade
ao se saber
poeta.

25 Procriado em permanências
não concebe na cria o elemento
posterior ao dia:

a fêmea alimenta
o macho defende

a criatura animaliza o contexto
e disputa o território: a idade
avança regressos e a mocidade
reinicia.

26 Ao escutar o barulho conhecido
lança-se à porta em latidos.

O cão reconhece a fidelidade
na necessidade
e se guarda
na recompensa: não lembra
qualquer cientista a treinar
sua capacidade reflexiva: apenas
sabe que o barulho
é prenúncio da necessidade.

A possibilidade
do próximo dia.

27 Escolhe a possibilidade
e a faz indelével.

Não ouve a voz
desfeita em textos:

reorganiza a palavra
em antigos significados
descobertos na espera:

a ausência absolve o pecado
acometido ao sentido
enquanto criança.

28 Anterioridade: oferece ao estômago
a necessidade do esboço. Sacia
a fome. Esfomeado avanço
sobrestado no inócuo
consentimento: animal
empalhado no canto da sala
e o pássaro retido no lado
de fora.

Proporciona exemplos na excepcionalidade
do regresso: recomeça.

29 Ama apenas uma vez
e se diz
conforme: grita
paixões recolhidas
no consentir
a noite. Resfria o corpo
em oferecimentos. Desdobra
o sentir em mitos recobertos.

Rearma o todo
a partir da simplicidade
dos elementos: ama
apenas a primeira vez
e se fazer descrente.

30 *(Aquele que busca equacionar
a igualdade na indiferença).*

Recobra o sentido da distância
percebida no erro exigido pela escolha.

Enquanto a luz perdura
observa o espaço esvaziado em oportunas
sentenças de reencontros: a condenação
oferta ao despeito invejas e no conceito
impertinente dos olhares concede a voz
escondida em dúvidas: obedecer
ao trâmite legaliza a subserviência.

31 Sobrevive na significância
da estada: aqui enquanto corpo.

Escopo: sobre o materializado
em instinto e bastante

funde

seres

inimagináveis. Parte.

Resfria a música em silêncios: escolhe
a forma. Na desconformidade exala
o perfume. Medra.

4ª. Parte



32 O nome apostro se reporta
na possibilidade do sucesso

sucessor de si
aguarda
a desvelação do amor
condódo. Amor exibido em beijos.

O nome acalenta a ingenuidade
do reconhecer: escolhe a trajetória
desfeita em renomes
e alcunhas. Profetiza
a desfeita
no reconhecimento.

33 Aos pais cobrados em circunstâncias
 elencas a leveza
 do todo resolvido
 - a mágica repensa
 exatidões deletérias.

○ remanso
 o manso
 a imensidão de outrora
 condensa a unicidade
 do caminho: interrompe.

34 Reconhece a facilidade
 da escolha: remói mágoas.

 Inveja na serpente
 o bote
 e o pouco alcance
 do veneno. A futilidade
do erro em sequência
evidencia passados
não concluídos na evidência. Escolhe
a prova na infinidade do acontecimento.

35 Repete: o engodo transcende a necessidade
do acerto. O compromisso antecedente
ao gosto renasce na dificuldade da aceitação.
Ouve na música o resíduo reciclado
em palavras: entende o significar da boca
movida em riso. Ricto. No final desdiz
o dia em lâmpadas
acesas.

36 Em versos
repete no som
a iniciação da dúvida

transfere ao corpo
a ilusão. Escolhe o descaminho
e pensa adiante
o sortilégio: acredita

que o início é algo
concretizado.

37 Repõe o gesto na imobilidade
significante do engodo: recolhe
as opções no instinto

desconhecedor
do que é acrescentado
e reposto: esfomeia
a oportunidade

no limite da inconsistência

(então)
elega na oferta
a surpresa.

38 *(No final concedido
a obra acaba)*

Oficia a trama
em documentos: ouve a impertinência
de deuses inexistentes.

Crê: escolhas
pressupostas em versões
de desprezados adjetivos.

39 A localização do exato contemplado
na argúcia do desenvolvimento. O rosto
descoberto da fortuna impregnada
na pobreza do que não deve
ser perdido.

Mapa destroçado em imóveis
fronteiriços no decurso do prazo.

Ontem o porvir abrandou
o dia conseguinte. E assim
por diante.

40 Escolhe a razão para a penitência: estrada
e parada. A condição do essencial
é o bastante. A ternura é áspera
espera de envelhecimento. Onde
está o corpo despropositado na cientificação
obscura. Irracional: a luz se apaga
em necessidades.

41 Na indiferença
sofre o trajeto. Não escapam
oportunidades. Vai embora
novamente.

Esquecido tem ao longe
a sensação
de nunca
ter estado
aqui.

42 A dúvida insiste em definições
barateadas em consequência.

Livre de males interiores
erra a proximidade
do enlace: a probabilidade

existe apesar do recorrente
espírito de luta: na paz duradoura
a escolha é substância.

A essência amargurada
em letras compõe palavras
de assentimento.

43 Ouve dizer do lado
 esquerdo
 do peito: sentimento
 superposto.

 O engodo da escolha desnorteada
 é fardo: a sobrecarga
 cansa o físico. O músculo
 retraído em desconfianças
 e a necessidade
 de trocar de lado.

44 Guarda a recompensa: dispensa
 comentários. A opção permanece
 adormecida em tarefas
 adiáveis: soluça
 o tormento. A tormenta. Lamenta
 a amplitude onde se perde
 em escolhas desnecessárias.

45 O rei adivinha a possibilidade
 de alguém sussurrar sua nudez
 ao povo reunido na praça: público
 selecionado para aplausos. O cumprimento
 rudimentar da realeza no leve oscilar
 da cabeça. O rei não se surpreende.
 A prisão eleva a escolha ao contraditório.

46 Daquela vez amarga
o reencontro: fantasmas
inexistente
em tempos
melhores. A vontade não
escolhe a permanência
no benefício da dúvida.

 Às vezes o amargor resiste
 ao silêncio na demonstração
 de novos horizontes.

47 Antigas canções: infância reaberta
em jogos e brincadeiras.

 A amplitude restrita
 dos horizontes. Nuvens
 e sóis.

A música repete sons.
○ som repetido no desconhecido.
○ reconhecimento na autoridade
e reencaminhamento: antigas canções
com letras repetidas.

48 Na unanimidade o pertencer
escolhe: arrependimento
e próxima tentativa.

Escolhas refletem
o amadurecimento: instante
em que o passado
resiste ao descobrimento.

A escolha é futuro esboço.
A escolha é atemporalidade.

Espaço pertencente
na vontade de se dizer
ausência.

49 O afresco representa a cena
entendida na verdade.

Maneira
e modo: o medo
ausenta escolhas.

Recolhe do pigmento
o brilho
e a constância: escolha
adiada
ao próximo
desenho.

5ª. Parte

50 Conta sobre o rei
autoritário em escolhas

e erros.

51 No avesso da aventura
retém do sedentarismo
a desnecessidade da escolha.

Reverso.
Maneira direta das escolhas:

nada fazer
em relação ao todo
simplifica
a responsabilidade.

52 Traduzido em escolhas
recolhe o medo.

O esconderijo é início
da tormenta
e proteção
na marquise
que desaba.

53 A escolha pressupõe
acerto
aceno
recompensa: ganha
além da introdução.

A escolha representa egoísmo
declarado na existência.

O altruísmo destrói básica
cavidade em entranhadas perdas.

54 Vistos de cima prédios se completam
em telhados: lugares acessíveis
em trabalhos de manutenção.

O pássaro acolhe a semelhança
e instala seu pouso: organizado
e tolo em adjetivos.

O mantenedor escolhe a circunstância
em que se manifesta: desapropria
o pouso no vazio que o acoberta.

55 Opção: reage ao critério de racionalidade
e torna irracional o cálculo. Desmembra
fatores em sonhos. Realiza probabilidades.

Não age.
Deixa no espaço a incumbência
de juntar o que é esvaziado
como prêmio: escolhe a similitude
desprovida de seu reverso.

56 Retroage na primeira escolha:
recomeça.

No refazer encontra o devão.
Em vão clama futuros
inexistentes. Repete.

57 Traduz a esperança na correção
da rota dos desenganos. Ama.

Amar.

Arma a resposta
em atos de desagravo. Agrava.

Em passados de simplicidade
ousou escolher na confluência
a parte descabida.

58 A escolha aciona o erro.

○ gato e o silêncio.

○ gesto.

A missão estabelece concordância.

Discorda.

Volta ao enunciado: antes
da escolha vicejam flores
e deuses.

59 (Permanece estático: a catatonia
refreia a vontade.

Não se estabelece
em lugares de dificuldades.

Simplifica as possibilidades
e se deixa levar ao infundo
sofrer do fazer de conta).

60 Ao corpo escapa a compreensão:

desfaz a solidão
e se refaz em ocasos

- palavras repetem significados -

o espírito contempla a finitude:
não sobrevive ao corpo.

6ª. Parte



61 Antes

procura o componente
alienígena que se avizinha:

cósmica poeira.

A porta entreaberta em gravidade
reflete do infinito o mínimo.

Antes que seja tarde: reconhece
na igualdade o que é diversa escolha.
A estranheza no espírito que se incorpora.

62 Ao contrário de outras épocas escolhe com denodo e serventia:

serve ao senhor na esperança
de um dia ascender ao grupo
dominante: chora a mortalha
exemplificada em ordens
e trajetos.

63 Antes de saber sobre o sortilégio: dados
lançados em imaginada sorte:

reata a linha
indivisível
e aflora o projeto
em magnitude: acredita

ser condição inepta no afogamento.

64 Nem antes
nem depois

contraído em dúvidas
divide a probabilidade
entre o que aprendeu na escola
e a escolta: levado ao conhecimento
desdiz a escolha e se refugia
na desesperança: tempo
passado em entretenimentos.

Antes dispunha o tempo:
depois disporá o espaço.

65 Melhor estatura: forma
marmórea de estátua eternizada
em restaurações. Menor esforço.
Monitorado arcabouço.

- desenho inexistente à traça.
- esboço destruído em pó.

○ peso convencionado a necessidade
da ajuda: piora o arcabouço
no rito das escolhas.

66 A contracultura condiz no horário
tumultuado e preestabelecido: vanguarda
ultrapassada em novos conceitos.

Antes o preamar afogue
a irracionalidade
procura
a proteção
desfeita em areias: o sabor
dos ventos valorizados em artes.

Adere ao contexto no raso olhar
de quem procura a necessidade.

67 Textos conflitam interesses. O ócio
decorre autoridades. O sempre irrompe
choros de acolhidas.

Ameaça e se afasta. Ofende
e se afasta. Faz de conta.

O afastamento cobre a nudez
no alvoroço do alcance.

68 Não escolhe: aguarda
o andar da carruagem
e perscruta no espaço a divindade

agouro
e caldo de galinha
o galo de rinha
na visão da morte:

recolhe preferências ao esvaziar
possibilidades. Nem sempre o sonho
se faz acordado e consciente.

69 Não inveja a determinação do irmão.

Não coteja sinas

e recibos. Sabe da inconsistência

a desfazer arcos

de antigas histórias

recontadas em lendas

urbanizadas. Não espera

da família o encontro consagrado

ao triunfo do reconhecimento.

Sua escolha o antecede

em desconcertos.

70 Habita a disciplina: reconta

o remetido: acrescenta futuros.

Repensa o avesso

no transferir dúvidas e mágoas.

Escolhe a fatalidade

caótica do adjetivo:

sofre a antecipação da ordem

e se desorganiza

em ofertas: único caminho

oferecido ao tolo. A escolha

feita sobre

a hora.



O EQUILÍBRIO
ERRANTE
E A
OPORTUNIDADE

Equilibrar

O equilíbrio reacende em erros a oportunidade. O adjetivo desacompanhado do objeto se sujeita ao contorno.

ócio e ódio completam dicionários de interrompidos exercícios.

O desequilíbrio endossa erros concertados.

Nome

Nominar é o primeiro exercício.

Equilibrar o todo no significado. Encarar o tipo. Dar à oportunidade o vezo do esconderijo.

Sacrifício

(Em insignificâncias ocorrem chamados e ajudas. Dias de serviços adiantados em atrasos. Paradoxo.)

Sacrifício e recompensa: eternidade desprovida em erros desacontecidos.

Paga pelo erro
acometido à circunstância.

A primeira pedra arremessada
na oportunidade: a mão.

Erro consentido

Persiste na sobrevivência
em errática forma
de boas vindas. O isolamento
comete erros. Consistência
e consentimento. Equilibra
as vozes atonais no assomar
fontes erráticas. Consente
controversas despedidas.

Oportuno

No adormecer releva erros.

Barcos largados
em águas equilibradas
no limite do contorno.

Oportuno fazer de conta. Reiterado
oceano aprofunda naufrágios.

Irrealizado em equilíbrios
assiste o arcabouço
ceder o madeirame
em afastamento.

Olhares

Na solidificação da estrutura
refaz passos de dança: ligeiramente
errático busca no equilíbrio
a possibilidade do oportuno
olhar: revê presentes
desdobrados em alfarrábios.

Lábios da mulher
calada em sofrimento.

Olhares expõem consciências
em erro. Desde sempre.

O tom de voz

Terrestres ilhas destronam pontes
elevadas pelo erro
de se fazerem hodierno
corpo. No despreparo
dos abutres na irrelevância
do espaço em que se desequilibra.

Oportuniza a voz
audível dos pedidos. Grita
inverdades a ninguém que o escute
em surdos lamentos. Erra a voz do auxílio
no afastamento em imperfeições e erros.

Modo de vida

Por mudanças evidencia erros
em pagamento. Modula a vida ao texto.

Modo de vida ante o desenlace.
No engaste da pedra
ao metal. A oportunidade
assoma novos horizontes
de mesmos lugares.

Cama desfeita

Amanhece a música que perdura.
Noite acobertada. Novo
repetido em camas desfeitas.

Nada acrescenta ao sentimento
adormecido. Amortecido.

Ontem o equilíbrio
se fez ameaça em erros
indecifráveis. A música oportuniza
o despertar. Esgota a paciência.

Cobrança

Estranhamente fatores arriscam
constância. repetem alvíssaras
em correspondentes adeuses.

Recobram no pedido a solicitude
inebria de solidão. (Aqui) o estampido
abafado ao póster. Recorrido erro
em mensagens de adormecimento.

Favores

Feito números recontados explode
insatisfações (insatisfatória história).

Repele o favor no abrigo
do pedinte em descompasso.

Erros: algo debaixo do perdão.
O irreparável equilíbrio. Bom
se a oportunidade rompesse
o favoritismo erradicado
em praguejares
e ameaças. A sensibilidade
encoberta nos sorrisos.

Vaso de flor

Lenga-lenga de sempre. O vaso
contém a flor até recolocar
a terra. Até findar a utilidade.
O equilíbrio da vida mineralizada.

Falta espaço para a terra
se recompor: hospedeira
errante. Hóspede inoportuno.

Agora

A titulação envolve a passagem do corpo através do muro limitante.

Impõe.

A busca refreia a oportunidade.
Sabe de onde provém o equilíbrio.
Sabe até onde o erro determina
o que agora encontra.

Antes

A facilidade destoa o medo recorrente da origem. (Observa o menino roendo as unhas com sensação de desconforto).

Antes de qualquer decisão busca na interinidade o esboço da verdade. Erra a perspectiva ao aumentar a fome enfocada em desabrigo. O equilíbrio interioriza a oportunidade.

Depois

A excepcionalidade reduz
no erro a consequência. Ilude.
Alimenta a mentira na oportunidade
deixada à margem. Início
meio
fim. Depois
a aventura desequilibra a incerteza
no retorno.

Dias ausentes

O ciclo refaz o paradoxo de terminar
em reinícios a ampliação do espaço.

Afastado
o erro seduz. Ausentado
não se faz lembrança.

O desequilíbrio resulta no suprimento
da memória pela oportunidade do erro.

A permanência é ausência.

Ocorrência

Feito personagem
(mesmo) inexistente. Vida e obra.
Família e posteridade. Conhecimento
e refazimento. A espátula rasga
o envelope. Olhos fixados
em palavras. A personalidade
decorre oportunidades. Erro
e equilíbrio superpostos.

Diário acaso
em aversões
e avessos: desconexo.

Conta gota

A miséria é sinônimo de parcimônia
ao desconhecer a necessidade. Não ama.
Tem em conta cada gota caída.
A desobstrução do tédio em acesso
de raiva. Acredita no fato pela soma.
Espera em conta gotas a aceitação
do erro envolvido
na similaridade. Sinônimos avariam
significados na imprecisão do vocábulo.
Oportunizam erros.

Apócrifo

Ao aceitar a história dispensa
o fato e se esmera em flores
e frutas. Sabe apócrifo
o relato
mas acredita
na formalização
do ato
em acolhida. Equilibra a vida
no extremo desenlace
onde recria mitos.

Concordância

Fixadas fronteiras restringem
a concordância. Espantam no odor
enjoativo das diferenças equilibradas
em erros de oportunidade. Rimas
e métricas de línguas indiferentes
se dissolvem em radicais asfixiados
nas terminações.

Invenções se recobrem
de suficiência. Sobrevivem
em diferenças
pelo medo de sermos iguais.

Irremediável

Inexistente remédio: a dor oferece ao corpo a tentativa do pecado. Acredita na sagração do equilíbrio. Erro. A troca de favores traduz o erro em saudável objeto irremediável.

Fio tensionado

Fio: diâmetro oposto na necessidade. Resistente aspecto psicológico ao redor do passado. Prende inverdades. Retoma fatos na versão desnecessária da possibilidade apequenada.

Ofende e transita. Obedece.

Afrouxa o contato. Remete ao acaso o erro transparente em palavras desoladas: ama.

Animal de guarda

O caminhão em buzinas
remonta a carga
na oportunidade presente.

Apresenta motor e rodas
circularem estradas no desatino
das entregas. Retorna em objetado
tempo compassado
da ausência. Erra
a vontade de se manter longe
e salvo.

Aguardar

Verbos movimentam a imobilidade.
Resguardam a maciez do corpo
ante o objeto: perfuram palavras
em terminações ao recriar o tempo
espaçado no aguardo da vontade.

Desequilibram a errática
deformação do acontecido
no caótico suspirar
do refazer a solicitude
sobre o que os cercam.

Na repetição a fórmula adquire
status de estrela inalcançável.

Logo agora

Seria o consentido traduzido
em ideias sobre atos ofensivos?
Equilíbrio desinformado em erros?

Oportuno
no acender das luzes: no
descruzar as pernas: no afagar
a mão adiantada em anos.

A indolência do filho
em deslembanças dá sentido
ao acontecido
logo agora?

Justamente

A leveza do sentimento consentâneo
na criança. A pergunta circunavega
o alvorecer
e alvoroça
o sono da tarde. Impossível despistar
equilíbrios antes da idade apropriada
em juízo de oportunidade.

Sexo amoroso

Pela vontade o amor erra etapas
de conhecimento. Mantém equilibrada
a desfeita no reencontro. Desencoraja
atos de bravura. Apaga as luzes.

Não grita
não murmura
não se cala
não se omite. Oportuniza
a visão do pouco caso
com que se desfaz
na irracionalidade
das regras sobreviventes.

Atraso

Lembra dias de espera: a gare
em moscas na lousa atualizada em horas.

Tarde em entrada noite.
O dia seguinte resfolega
fumaça
e trajetos. A proximidade
desaloja sorrisos. Equilibra
curiosidades
e desalentos.

Conteúdo

Ao devassar bens retraídos
recolhe a oportunidade
de se apresentar
antes do juízo. Erra conteúdos
por confundir teias
e teares: durante
o erro
reconhece sua sina: sinal
trocado em utensílios. Desserviço.

Deformação

Olhos transitam além da linha
horizontalizada em terminações. Abismam.

Faz renascer anteriores. Assusta
a impossibilidade da inexistência.

O incontido não conhece da besta.
Fera irreprimível em salamaleques.

Vive deformações instruídas
em compêndios de erros
no oportuno equilíbrio.

Ocasião

Livre em fantasias aproveita
o que a ocasião oferece. Tema
recorrente de amores desafortunados
e filhos bastardos. Recria romances
de antepassadas épocas. Vibra
a condição da trama no limite.

Exagera lágrimas: sabe
dos erros equilibrados
em enredos oportunistas.

Recusa

- Desde sempre teme a recusa.

Acostumado com a ideia
convive. Tem febre e doenças
não diagnosticadas. Calor e frio. A magreza
insistente refreia o tema.

Choro compulsivo.

Errado: objeto
disponível no inverso
da qualidade. Faltam oportunidades.

Livre arbítrio

Ama: escolha refeita
entre dentes. Corpo ao desconhecido.
Reconhecimento.

Antes da escolha transita hábitos
em histórias descontadas.

Recanto na farsa: entrega.
Libertado de quem não o prende
ressente o erro equilibrado
nas escolhas consentidas.

Concordância

Objeta ao triunfo a forma da conquista.
Arreda peças em milimétricos sentidos.

Concorda.
No objeto desejado confirma
entraves. Desocupa permanências.

Erra concordâncias na transformação
entre o sim
e o não. Transversa maneira
de economizar dizeres
em assentimento.

Pecados

Pluraliza o menor pecado
na multiplicação do erro.

Dispensa o equilíbrio
em afoito gesto
a desconstruir
o acesso ao início soterrado.

Relembra o primeiro pecado
após a instrução
do corpo em espírito.

Insinuação

Não basta a acusação formal.
O futuro insinua reconhecimentos
instalados na primeira oportunidade.

O dia se transmuda
em noite. Fecha
luzes. Felina ideia
do enxergar no escuro
a impropriedade do descanso.

Insinuações dividem a crença
em frestas: arejam o desconforto
das luzes apagadas.

Pois é

Transita o básico: bons tempos
em que se fazia jovem

descompromissado
de futuras instalações:

familiarizado
no aprendizado
venta sonhos de sustento.

Equilibrado em erros
busca o desconhecimento
na oportunidade.

Habitualidade

O desinteresse no tempo acrescentado
à habitualidade. Repete o fazer
de conta das palavras no hábito
de refluir olhos em desarme. O copo
d'água sacia a secura das ações.
O sorriso desperta o papel adormecido
em textos: queima a rotina em cinzas.

Reencontro

Na noite se faz adormecido. Santo remédio
nas palavras de sua mãe.

A doença enfeia o corpo
atingido em resguardo.

No reencontro do desconhecimento
vivificado em afastamentos. Não são
os mesmos.

(Algumas flores fenecem em afogamento:
deserto criado em imagens).

Coincidência

Pensamento concretizado na conta
recebida: recompõe distâncias.

O erro equilibra
objetos reincidentes
em atos de bondade.

Quer a negatividade do extrato
e se faz menor: condensada
compensação. No terreno
demoram oportunidades.

Inoportuno

Pelos planos na antecedência
dos sonhos planejados em ausências.
Na concordância inexistente.

Trabalho conseguido
com favores e o erro
aberto desequilibra.

Inoportunas razões
afinam destinos. Diferenças
na obviedade da configuração.

Omissão

Na passagem da rua

escadaria
escoteiros: país
de exótica cultura.

O altar da pátria escrito
em letras maiúsculas. O fodor
da urina expulsa o discurso
de civilidade: memória.

Hora fixada

Observa a fixação do detalhe.
Reserva a condição no entalhe.

Detalhado prevê o crescimento
endireitar o oposto na hora
condizente das descobertas.

Marca aposta na simbologia: não
vê o desastre se anunciar
em proclamas de ansiedade.

Conserva o erro trespassado
na finalidade.

Adorno

Rimas e métrica adornam impossibilidades.
A fronteira decide nacionalidades. Objeto
de equilíbrio e oportunidade.

(Ninguém)

A tradução remete o texto ao sentido
desprovido de adornos no aniversário
reservado pelo dia comum.

Desigual

A reafirmação contesta
omissões anteriores. Desigual a
a oportunidade de se fazer futuro.

Apropriado ao termo
desamado
desarmado
desorientado em pronúncias.

Desigual em silêncios
os olhos desequilibram o erro
originário. Nascer nem sempre
completa a imagem no espelho.

Consequente

Vive o traçado permitido ao esquecido
no distrato arengado na confusa parte
do negócio. Consente.

Alheio ao erro procura equilibrar
oportunidades na coragem de querer
o sem importância. A tarefa oculta
a inconsequência que a terra ostenta
pela natureza das imperfeições.

Opção

Na conta apresentada:
correção
corrigenda. Não deixam
optar pelo contraditório.

(Querem luas e estrelas embalando
lagos fantasmagóricos em amores).

O restante da matéria
no estar
e reviver (o beijo sela os erros).

Olho gordo

Além o desejo enfumaça a memória.
Faz doer o abstrato. A doença enlouquece
em desabalados passos. Passeia
ódios em ociosos dias. Desnatura. Acolá
o despertar atrasa horas despossuídas.

Deseja do nada
a natureza do erro.

2ª. Parte

Recordações

Não tivesse morrido jovem
conviveria
e transmitiria letras e músicas
em adeuses. A incerteza
fornece erros. Não houve
a oportunidade de ser adulterado
no tempo consentâneo de meras
memórias desequilibradas
em recordações amordaçadas.

Palavreado

Favores pagos. Palavras
enfeixam textos. Dizeres
de amores e paixões: corpos
sobrepostos no verbo declinado
em movimento. Não sobra o tempo
necessário à correção do erro.

Cala palavras
até que a visão
esteja anteposta
na oportunidade.

Prova inconteste

Sobrevive à esperança
em óculos de grau. Degrau
a degrau desce inconteste:

como prova.

Comprovado o erro assumido
em viagens movimenta razões
(lembra o equilibrista a eletrizar
a plateia. Faz esquecer o dano
ante o medo).

A esperança oportuniza a gradação
em que se escondem inconstâncias.

Pejo

Tem no indecifrável a adjetivação
da vida. Vergonha e acabamento.

A indecisão remonta séculos
de apaziguamento. Comida
posta na incerteza.

O equilíbrio ajustado no mínimo
desavergonhado. Emerge cenas
correlacionadas ao abandono.

Opróbrio

Trabalho em oferendas.

Endeusamento de atributos

Opróbrio: pessoa desencaminhada

ao sucesso na atribulação

da natureza em trovões

raios

e nuvens: o nome confessa

a particularidade do castigo no desequilíbrio

tomado ao pé da letra. Ofertas desprezam

a possibilidade de estar vivo.

Deserto

Melhor resguardar

pontos cardeais. Não ultrapassar

o deserto no amanhecer

a ciência na vegetação desencontrada:

apregoa o equilíbrio

em amores acabados

no tempo desprezado

da oportunidade. Erra

suficiente esquecimento.

Estrangeiro

Na recorrência do assunto ouve o som
absurdo da hora do rejuntado acordar.

Discorre a letra e reconhece
a necessidade de ser traduzido

Cada sequência destece
o corpo em aguardo
e tentativa. Cada erro conduz
a luz na direção da sombra.

É outubro
e o equilíbrio
não se apresenta.

Composição

Comete erros. Perdura.
Permanece.

No verbo acionado
ondula possibilidades.

Anterior ao tema convive
na comprovação. A dedução realiza
o fato na primeira vista.

Golpe

O erro é água
revoltada em sua natureza: o afogado
contraria o corpo em busca de espaço.

O alongamento
do tormento desequilibra a sorte
inexistente no tema. O erro
é golpe ajustado ao cadáver.

Trapézios

Isolado contato na flutuação
despercebida arrisca a obviedade
no peso do corpo. Concede ao primeiro
movimento a dúvida. Ao segundo oferece
a desistência. No terceiro impulso confia
no parceiro e lança o corpo ao erro. Sente
o ressecamento das mãos absorvidas
de quem o segura.

Assim os trapézios no vivenciar
do espetáculo. Arena de oportunidades.

Animais

O medo justifica a montagem
do objeto: divindade explicitada
no aparato desequilibrado do inimigo.

A proteção advém dos sonhos.

O medonho recontar da fera:

criminalizada concretude
a fé se oferece em erro:

subjuga.

Dias após

Preenche horas desafiadas
nos erros acometidos
em equilíbrio: vida em oportunidades
desaproveitadas. O desinteresse
desprovido da continuidade
permite o reinício.

Dias após o primeiro encontro
se defronta em repetições.

Joia

A sina acumula buscas de onde
saem esquivas e golpes: o rei
encantado recebe rainhas em trincas.

O trinco da porta movimenta
a maçaneta entreaberta
do quarto incessante: a joia
da coroa repousa louros em mantos
desdobrados ao equilíbrio: esse o erro
que divide aportes sob pontes
não elevadas ao mínimo.

Número

Desconfortável diante das palavras
concede aos números o direito
de demonstrarem a fortuna: nenhum
gosto ou gozo.

Nenhuma
ideia
teia
ateia circunstância
de deuses aproximados
no equilíbrio inexistente
em taxas e tragédias.

Reposição

Repositório de boas vontades alude
recriações de personagens. Acostumado
ao frêmito espaçoso
no desterro: descombina
cores na bandeira e atrasa
o andamento hinário. A pátria
repousa oportunidades: inoportuno
equilíbrio repõe personagens.

Resposta

A resposta convence o interlocutor.
Entende e se afasta: confortado
em saber da impertinência
no resguardo inato
de exógenos personagens.

Deve amanhecer terras
de pastagens no desequilíbrio
de chuvas e estiagens.

Passado

Alguns acordam antes da necessidade
e transbordam dias assoberbados
em trabalhos: erram
a impropriedade
do lazer.

Estancam falsas tempestades.
Bebem do copo pela metade: metamorfoses
de traduções ineficazes. Seres desalmados
em relação a impróprias idades.

Fortuna

Fortuna amealhada e configurada.
Abarrotado cofre confinado.

O que os ladrões não podem carregar.
Aberto em demonstração de poderes
aumenta a probabilidade de ser roubado
enquanto estático: o segredo reside
no papel dobrado
entre roupas
de estações trocadas: erro
concluído no esquecimento do espaço
decorrido em medos e inoportunas
formas de convencimento.

Único

Na multiplicidade: único espécime
disposto ao sacrifício – a mulher
amada recusa acompanhamento
e filhos diluídos em tarefas
desconhecem a estrutura
dos escombros na disposição
angular da trajetória.
Condensa o imprevisto
em balbuciar. Único
personagem de mesma máscara
: não se esconde. O teor do som
aproximado em glórias no dia
subjacente de repetições.

3ª. Parte

Bem-me-quer

Farta enunciação de erros acometidos
em falsos dilemas reapresentados
em pais
e mães de todo o sempre.

Bem querereres. Cada pétala retirada
corresponde ao desequilíbrio.
Medo executado em operações
aritméticas. Miméticas folhas
desprovidas de oportunidades.

Ossário

Não tenham pena. Executem
provações em desacordo. Sistematizem
ingerências. Vão ao final do poço
recolher ossos sobrados
do restado corpo.

Umedeçam olhos repentinos.

Aliviem o porém e desprezem
o portanto: abstraídos das horas
insuportáveis não tentem reconstruir
o decorrido no desencontro das opções.

Jogos

O coração requer lances movimentados
na leveza do reconhecimento: dispersos
em tablados dançam aprofundamentos.

Joga a inércia no apontamento
da lembrança dos dias melhores.

Oportuna razão destrói convencimentos.
O observador seduz a vivificação
de quem em outro erro
se equilibra.

Irreduzível

Sensação aproveitada além
do irreduzível: a insensibilidade
denota apatia: menosprezo.

Olhos erram obstáculos no desdizer
da aproximação: a longitude contorna
terras não apropriadas ao equilíbrio.

Irreduzível em oportunidades
tem o interesse: a inteireza desdobra
acessos e incertezas.

Amável

Repleto em amabilidades reflete águas rasas: contorno e adereço. Lembrança.

Silencia diante do envelope entrecortado em endereços.

Reencontros postulam haveres.

No apagar das luzes solicita a prorrogação do espaço avistado em importunos erros.

Destroços

Imperfeição no descasamento. O nojo fantasia mortes. Ao anoitecer procura destroços de cada dia. Morte: a voz sussurra em ouvidos moucos.

A chefia transfigurada em vida além da obrigação destroça a obviedade no comparar a foto ao modelo. Cada erro traz oportunidade e equilíbrio.

Maré

Descansa o olhar na face despendida
ao corpo. Esvoaçam pássaros terrestres.

Calma e calma aguardam a deformação
das marés em reduzida velocidade.

Alonga dias em passagens
alteradas ao imperceptível. Erra
a conciliação entre as partes
e permite o afastamento. O desequilíbrio
resulta na impropriedade.

Amoroso

Atento e delicado remonta brincadeiras
em infâncias. Inacabada forma mantém
a juventude atrelada em calvários.

Amoroso se apresenta
em engodo. Erro concretizado
na aversão ao fato. Na irrealidade
objeta fatores na vida refluída em beijos.

Abraça a singularidade do objeto
no retorno feito oportunidade.

Desconfiança

sonha ser a chuva
mera desconfiança dos deuses
acobertados em nuvens. Erros
desprovidos do equilíbrio. Mero
oportunismo em desavenças.

Opostos à seca deixam
retornar ao solo a umidade.

Em tempos descabidos
a chuva é o anacronismo na falta
de sorte. Prova que apavora o crime.

Impropriedade

O grupo reunido em afinidades
sorri na fotografia. Ausentes
em si mesmos disfarçam
diferenças em nomes
comunicados aos leigos.

Impróprios em representações
erram a possibilidade
do conforto: equilibrados
no milagre do oportuno.

Escondem suas individualidades.

Expressão

A expressão compõe o perceptível
na ambiguidade entre a dúvida
e a dor: o sorriso espanta e no fundo
dos olhos repousam amores.

A expressão erra reconhecimentos.
Permanece equilibrado em fios
entediados de sorrisos inoportunos.

Canção

Desde o exílio canta a sua terra
no esforço da redescoberta: sentimento
ausentado em anos de regresso.

Erra a proporção em que o choro
lamenta a perda: oportunidade
esvaída em fronteiras definem
a impossibilidade da presença.

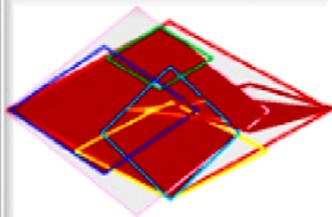
Canção escutada: o erro
é oposição na semelhança
do retorno com palco e plateia.

Ocasião

A disposição dos móveis encadeia a liberdade pelo avesso. Prefere ocasionar desfrutes a se manter ao largo da impropriedade. A tradução envolve o medo no equilíbrio erroneamente conduzido na oportunidade. Ocasiona a cena contraída no espaço regulador da manutenção de quase nada.

Sobrevive em aniversários.

OUTROS POEMAS



CORAÇÃO

Corpo cinzelado em formas
deformadas camadas de pele e ossos
intercaladas em sangue e carnes
gordas e magras lembranças
leoninas vontades estampadas

lembranças de outras épocas
raio que parte o pensamento
no que passou e no que será passado
logo a memória aumente e o amor
se ausente: sinta apenas os tremores
últimos do que foi meu corpo

pendente em forcas futuristas
luminar luminárias iluminados
amores que terminam em cansaço

dias anos décadas e séculos
civilizatórios desordenam o meu coração.

SOMBRAS

Não interessa a cor dos objetos
as sombras são escuras

umentam alteram
deformam atravessam

sombras são o que encontramos
em nossos ambientes
aumentando as deformidades
atravessando os caminhos

sombras: sobras inimagináveis
da realidade que sobrou
da nossa pouca idade

crecemos nossas sombras
sobramos em paredes opostas
seguimos e somos seguidos
sem coragem para apagar a luz.

SENTIR

Sentir o gosto adocicado
a maciez do contato
imagem fluída contra o vidro

sofrer o amargor do passado
arranhar o corpo no contato
não reconhecer a face contra a luz

apreciar a doçura do grão
acetinadas mãos em minhas mãos
reconhecer aquela que retorna

ouvir a voz rascante na chegada
ter o corpo contato com as mãos
desconhecer a dor e o pecado

calar os sentidos na entrega
corpo em suave repouso
o furacão arrefece suas forças.

CONVERSAS

Tanto conversamos sobre o nada
de nós todos: brancos corpos
no sol de verão: nada sobre
a pele e nada em nossos corações

conversamos e o nada se fez presente
alterando cores e poses: indiferentes
maneiras de contar a mesma história
repetidas vezes: nada

conversamos sobre o nada do passado
em que nenhuma mentira foi dita
e o medo do futuro
naquele presente nada
era maior menor ou melhor

conversamos: nada dissemos um ao outro
éramos amigos companheiros colegas
sempre soubemos que nada nos faria
diferente dos outros: estáticas figuras.

ESQUECER

Histórias velha sempre recontadas
forma errada: forma errada
errônea forma não contar o passado

promessas feitas na euforia do momento
lamento lamentações recordações
simples sonhos desconexos: motivos
ausência assumida: divirtam-se

histórias repetidas em velhas contas
não acertadas: pendências que contam
a sinceridade do gesto que afasta
nas lembranças a presença e o futuro
encontro que não acontecerá

promessas desfeitas: águas passadas
em velhos moinho carcomidos
derrubando as pás insustentáveis
lembranças finalmente esquecidas.

SAGA

Fomos de barco pequena embarcação embarcadiço
píer pior início de viagem viajamos pela noite
escuro tempo de estrelas teimosas nuvens cobrindo
espaço sem guarda sem notícias e sem o apito
sonares desligados povo sentado cantos bancos
ralas refeições improvisadas no que foi sobrando
sobrada vontade de ir em frente encarar o mundo
novo descoberto deserto frio de emoções e ataques
sem pagamento sem tormentosos fiscais só a glória
eterna de um deus complacente simplesmente deus nada
impede a sua vinda seu retorno como nós neste barco
indo embora para outras terras novas renovando a fé
no que a vida nos oferecerá de trabalho
sem ser escravo sem ser vassalo sem ser pião
louco sobre a mesa ocupada pela crueldade
donos de tudo – não acendem luzes – exaurem
nossas forças na faina inglória do peso sobre as costas
das contas mal contadas amargo gosto suor no rosto
esquecido que o barco se afasta da costa.

ESPAÇO

Reconheço o traço
passo
trago o compasso
com que meço
o espaço ocupado

é meu o traço riscado na folha
espaço ocupado
na passagem
das palavras

é seu o passo rápido
que alcança e ultrapassa
o espaço demarcado

meu alcance
escreve
lê
o entendimento
dos amantes
contentes em corpos
entrelaçados.

PRÍNCIPES

aliados chegaram sabendo da salvação
na firmeza das garantias oferecidas na evolução
terminativa do que os príncipes prometeram
do teto pendiam lustres belos cristais lapidados
hábeis mãos trabalharam o tempo das minas
para iluminar aqueles que chegavam
também vieram os inoportunos que se diziam
representantes de outros que lá ficaram
seria improdutiva a vinda de todos
enredados nas confusões impertinentes
aliados chegaram e entraram na sala
onde os príncipes deveriam estar presentes
encontraram os inoportunos de dois nomes
mediram forças entre eles
os príncipes ficaram na outra sala na discussão
na briga na guerra nas mortes esquitejamentos
os sobreviventes foram buscá-los para a consagração
dos corpos a expiação das culpas e o perdão real.

REGISTROS

Nada dirão de mim os registros
oficialmente incógnito anônima
vida do nascimento ao trabalho
família e amigos sem importância
ou magnitude onde repousam vidas
desprotegidas da república.

Nada registrarão as oficiais notícias
sobre minha infância dúvidas
da juventude tristes certezas da vida
adulta da mulher e filhos: nem do que
me tornei em dias de trabalho.

Nada será repassado ao futuro
nenhuma nota ou obituário
os anos vividos não serão história
gloriosa recomendação ou lapidados dizeres
onde a verdadeira vida escura e conclusa
será guardada junto ao decomposto corpo.

FASES

Crédula infância
amor dos pais
tantas verdades
mitos e medos

dúvida adolescente
primeiros questionamentos
a vida não se apresentava
como verdade: medos
além dos mitos

negativada vida adulta
o trabalho e a família
suplantam as dúvidas na incerteza
dos dias residia a força e a fraqueza

indiferente velhice
tudo visto e sabido
inexistência do que não faz
diferença: poucas lembranças
muitos esquecimentos.

MENTIRAS

Minha certeza destruída
em cada novo acontecimento
inverdades vindas à tona
descomprometidas razões
desacreditadas

o poder do negócio
mágicas escuras faces
vendendo fumaças
esfumaçando os ares
na arrogância
mendicância
ignorância

incerto futuro desproporcional
ao crime não cometido de lesa
pátria no compadrio geral
a voz do esteta reclama da feiura
do corpo gordo e balofo
balão explodindo no ar.

ILUSÕES

Tantas vezes tive por ilusão a companhia
da magia: fiz os dias e das mágicas fiz as noites
onde não perdi a razão: estive perto
de entender que com a irracionalidade poderia
enganar os fatos diários e fazer dos sonhos
minha vida menos errante: mais amante.

Amar-te no faz de conta
desconsiderar as limitações
transmudar as restrições em cores infinitas
na mistura na combinação na oportunidade.

Evitar a razão em cada instante
transgredir as regras: dar adeus aos cânones
saber que o relâmpago é eterno
na efemeridade com que apresenta
suas consequências permanecem
para sempre contigo ao meu lado.

TÉDIO

Sem tragédia
tédio
aposto tudo
no primeiro número

repito as cartas de amor
repilo a ideia do jogador

o tédio permanece no olhar e na voz
não ter o que fazer de melhor: pela
janela o movimento não me diz nada
nada me transmite o mundo exterior

só a tragédia pode movimentar
meu corpo na cadeira: prensado
o espírito em negócios

trágico destino: pior destino
não entender minha própria tragédia.

TEMPO

Preciso pouco tempo
o que dura a ária
onde passam os cavalos
e a ambição se estende

tempo necessário
para limpar a face
pentear os cabelos
estar arrumado e pronto

pouco o tempo que peço
nada além das lágrimas
caídas na leitura da obra
o olhar vazio na volta

o tempo precioso
em que as obras cristalizam
e as mentiras esboroam
no golpe do martelo.

PROBABILIDADES

O improvável se alimenta
da verossimilhança: outono
em folhas secas na terra
umedecida. O cansaço realimenta
a trama sempre que a teia se recusa
à mosca. Esvoaçar significa algo
libertado em dogmas: degraus
recusam passadiços onde
se movem águas deixadas.

A probabilidade retesa a corda
e o arco segue: vergam irracionais
desejos antes que o inverno
tolha o movimento.

DISTRAÇÕES

Você se distrai em vistas
menores e perde o barulho
das árvores e o som
dos pássaros e o rumor
do mar. Desencontrado
em seu interior no desdém
do minotauro que o habita
em labirintos na permissão
pela procura do futuro indizível.

A distração envenena o amor
sem paciência diante da aranha
a tecer seu tempo em ramos
e cantoneiras. A vista redescobre
o brilho no que se ressentente.

MANUAL
IMPRECISO
SOBRE NÃO
MORAR



I

Reafirmo a incerteza
das janelas fechadas
aos vidros: prédios
e prédios intercalados
nos espaços ultrapassados
em meandros. Passados
inconsequentes respondem
comprovantes desconhecidos.

II

Ser da convivência a conveniência
da vitória de descobertas efêmeras
medidas de adjetivos louvados
aos tempos de menino. Ira
e ódio pelo representado ator
em mim. O flagrante desconsidera
o início reafirmado do conto pontuado.

III

Quem antes do final do início
exercitou formas desconformes
em olhares vagos: vagas terras.

IV

Resisto à memória do regresso
de progressivo apenas a porta fechada.

V

Mudo a inconsistência do susto
defiro a petição e arvoroo o olhar
no horizonte de esfumaçadas vertentes.

VI

O vazio preenchido em execuções
musicais. O piano martelado
em sons diagramados aos anos.
Receio ficar na atordoada
porta destravada em pinos.
Sóis iniciais do segundo
barro lançados à água.

VII

Silencio ter ido embora. Só
a mim interessa a ausência.
Desconheço sorrisos e retiro
a mão do contrato. Outros
farão a minha parte. Ponte
e personagem afogo o ficar
ao relento. Ignoro a tinta
esbranquiçada em versos.

VIII

Pontos retilíneos: encurvo
a voracidade do ataque.
Faço da fruta a flor enlaçada
ao caule. Enraizado extraio
da terra a permanência.

IX

Não posso afirmar a estrada
sobre o peito. Cerca e muro
arroteio a terra no pensar ignorante
dos profetas. Poetizo o verbo substantivado.

X

Converso horas afiando a língua
ao despreparo e me ofereço em sacrifício.
Espero passar a hora infinita do querer.
Desdobro os olhos ao preço e me faço
trocada esmola negada ao tosco.

XI

Ir costeando a margem e
me colocar de costas ao poente.
Irritar os olhos no benfazejo
espargir das amizades: a solidão
desacompanhada em promessas.

XII

Como animal restrito ao instinto
lembro o gesto acomodado
da criança em frente ao portão.

XIII

Marco a inconfidência e ofício
à autoridade o desmanchar
do juízo. Estratífico.

XIV

Carrego a indecisão da voz
não reconhecida: amorteço em críticas
e sorrisos cercados em nada sei
no carinho desvelado
em altos e baixos sentidos.

XV

Nada além da escolha diz o mestre.
Abençoo a estrada percorrida
e digo ao transeunte
ao cruzar o sinal
que proibir o jugo
é o primeiro sonho
de incandescência.

XVI

Mero atributo: água
salobra e o dito doce
esmaece sorrisos.
Acolho a imprecisão
da carne onde deito
o corpo em suspiros.

XVII

Paguei módico preço
pela teimosia. Residi
deuses diversificados
em descrenças
de não saberes. Ignorei
a voz autoritária do ordenança.
Sou expulso corpo
permanecido em espírito.

XVIII

Amargo à flor o fruto decomposto.
Coroados em espinhos retiro pétalas.
Noturno recanto onde se encontram
vastos vazios intolerantes.

XIX

Dizem de reclames alertando
sobre a convalescença do abrigado
preso: recuo a maldição.
Totalizado sigo a agonia
tragicômica que me envolve
como ser desarmado. Amo
ter vindo e me recolho no brilho
das luzes apagadas.

XX

Diuturno escutar o ser amedrontado.
Grito segredos. Olvido estrangeiros. Dias
dividem a terra em astros sem rastros.

XXI

Como me habituar ao regresso
- sem ter ido embora -
tivesse a vontade da saída.

XXII

No amadurecer do conto
reafirmo vírgulas divisoras
dos entretenimentos:
brinco motivos.

XXIII

Comi do pão amanhecido.
Corri pela rua adormecida.
Precisei saber sobre a farsa.
Falsifiquei plateias em aplausos.

XXIV

Ter nascido não me obriga
à permanência. Ter saído
não me obriga à lembrança.

XXV

Versejo forças incolores.
Não tolero o perpassar
da tinta. Borro a inconfidência.

XXVI

O martelo ressoa o prego no anúncio
do novo. Velho e refeito desço
degraus e subo ônibus e carros.
Toda revolta traz remédios iguais
à paz antecedente dos sentidos.

XXVII

Marco e resistência: reconheço
na plateia rostos antes conhecidos.
Envelhecemos juntos salvo engano.
Salvos pela geográfica distância
de sermos iguais em idolatrias.

XXVIII

Está certo amigo leve a sua vida
à cabo. Ao cabo do martelo. Acabo
por onde comecei a história
descontada em cenas.

XXIX

Fui triste na hora primordial
da alegria. Destoei. Destaquei
ângulos diferenciados em pássaros
ancorados pelos chãos ensejados
ao perpassar dos grãos atirados
fora. O despropósito do piano
acolhendo o dedilhar corrido
em harmônicas providências.

XXX

A regra segue ordens
impositivas de navegação
e permanência: sorriso
reencontros e me afasto.

XXXI

Menos e mais vezes retorno:
não carrego preocupações
e desejos de ínfimos segundos
antes da descoloração
dos fios louros do personagem.

XXXII

Acondicionado o estranho
centraliza endereços: destino
e remetente alvoroçam estradas
desenhadas no vidro da janela.

XXXIII

Meu amigo: retornei
ao convívio e na transposição
da fruta em terra absorvida
revi palavras insensatas
dizerem da literatura
e história. Discordei
com bondade. Silenciei.

XXXIV

Pelo reflexo da vitrina
reconheci no manequim
a indiferença do modelo.
A roupa circundante esconde
a rigidez do sorriso. Olhos
em vitrificadas luzes evitam
enxergar o bastante.

XXXV

Imundos trajetos carregados
de reminiscências. A velha
casa trancada em afazeres
de outras eras. Éramos
crianças indo embora.

XXXVI

Reacomodo a cabeça
no espaldar do nunca. Giram
ideias na transformação de estares.
Estou na primeira fila e o carro
se movimenta.

XXXVII

Posso fazer orações
e descerrar as mãos
no peito. Preto
de gratidão.

XXXVIII

A menor nota
sintetiza a madureza
do carácter. Enfastiado
abandono o leito.
Abocanho a semente
e evito a ressurreição
do instante.

XXXIX

Marco minha paciência.
Não atendo ao toque. Troco
de mão o objeto. Cientificado
acompanho olhos semicerrados
espirarem livros desfolhados
e fotografias abandonadas.

XL

Música e leitura
engastam a pedra.
A escolha se afortuna.

XLI

Ao velho ofereço
o novo. Pergunta
sobre a ressonância.
Respondo com as mãos
batendo contra a pedra.

XLII

Mágico destino: a perda
oferecida como prêmio.

XLIII

Fui a menoridade
em masmorras: saí
em silêncio. Meu gesto
leve travado no desabrigo
de ver a terra engolida
pelo viajar dos corpos.

XLIV

Tracejo em círculos
a linha convergente
da saída. Castigado
danço a valsa: no piano
dedilho o regresso. Esgarço
o trovador onde supro
a voz na imobilidade.

XLV

O grito da insensata
vitória contém
a literatura da jornada
em que minto mitos
e me apego em afagos.

XLVI

Dos lados avessos
invejo a sonoridade
da presença. Ter
estado aqui
onde reconhecido.

XLVII

Nego. A aliança
circunscrita oferece
a dor da permanência.

XLVIII

Radicalizo: nenhuma
vez (voz) me faz
automatizado corpo
ao despropósito.

XLIX

Ombro a ombro
sustento o vento
contra a porta.

L

Avisto o barco
e espalho o óbolo ofertado.

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR:

Poesia

Seres
A Obra Nua
A Criação Estética
Marina em Poemas
Brevidades
Via Rápida
Iguais
Tânia
Poemas
Construção do Gesto
Coleção de Palavras
Imagem & Reflexo
Palavras Desenhadas
O Descrédito e o Vazio
De Mãos Dadas
Os Objetos e as Coisas
O Livro Infundável e outros poemas
Tristeza e Mínimo e a Menor Parte
O Homem Despedado em Olhos
O Vendedor de Cadeiras
O Desabilitado Segredo das Palavras

Contos

Em Contos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br

IMPRESSO NO BRASIL

PROCESSO DIGITAL

A realização desta edição deu-se em Curitiba-PR, em setembro de 2020



Pedro Du Bois,
poeta e contista. Passo Fundo,
RS, 1947. Residente em Balneário
Camboriú, SC. Vencedor do 4º
Prêmio Literário Livraria Asabeça,
Poesia, com Os Objetos e as
Coisas, editado pela Scortecci
Editora, SP. Participante e
colaborador do Projeto Passo
Fundo.
<http://pedrodubois.blogspot.com>

**A vida na poética das imagens
abstraidas ao desinteresse.**

